



**UNISUL**

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**EMATUIR TELES DE SOUSA**

**O PROCESSO DE ESCOLHER NA CONSTITUIÇÃO DAS SEXUALIDADES  
DE PESSOAS QUE COMPARTILHAM DE VIVÊNCIAS HOMOAFETIVAS E  
HETEROAFETIVAS**

Palhoça

2013

**EMATUIR TELES DE SOUSA**

**O PROCESSO DE ESCOLHER NA CONSTITUIÇÃO DAS SEXUALIDADES  
DE PESSOAS QUE COMPARTILHAM DE VIVÊNCIAS HOMOAFETIVAS E  
HETEROAFETIVAS**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Ana Maria Pereira Lopes, Dra.

Palhoça

2013

*“Posso escolher uma maçã a uma pera, tu podes perguntar pra mim, fulano qual que é a sua cor preferida? Eu digo preto, por quê? Por que eu escolhi preto [...] Mas na questão de sexualidade não tem como ter essa escolha”. (Homossexual 01, 2013).*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>4</b>
<b>2 MÉTODO</b> .....	<b>14</b>
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>17</b>
3.1 PERCEPÇÕES DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS SOBRE ESCOLHA RELACIONADA ÀS SUAS SEXUALIDADES .....	18
3.2 IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS .....	32
3.3 TERMINOLOGIAS REFERENTES ÀS SEXUALIDADES DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS COMO CONSTITUIDORAS DE SUBJETIVIDADES .....	41
3.4 HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS DIANTE DAS POLÍTICAS DE DIREITOS À DIVERSIDADE SEXUAL.....	52
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>61</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>66</b>
<b>APÊNDICE A – Entrevista semi-estruturada</b> .....	<b>67</b>
<b>APÊNDICE B – Quadros das categorias e subcategorias respectivas aos objetivos específicos</b> .....	<b>68</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>70</b>
<b>ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido</b> .....	<b>71</b>
<b>ANEXO B – Termo de consentimento para gravações</b> .....	<b>73</b>

## **O PROCESSO DE ESCOLHER NA CONSTITUIÇÃO DAS SEXUALIDADES DE PESSOAS QUE COMPARTILHAM DE VIVÊNCIAS HOMOAFETIVAS E HETEROAFETIVAS<sup>1</sup>**

Ematuir Teles de Sousa<sup>2</sup>

**Resumo:** Verificar o processo de escolher na constituição das sexualidades de pessoas que compartilham de vivências homoafetivas e heteroafetivas também traz visibilidade à ‘escolha’ enquanto processo dialético, histórico, cultural e subjetivo. Neste sentido, pretendeu-se com esta pesquisa identificar a percepção de pessoas que compartilham de vivências homoafetivas e heteroafetivas acerca do processo de “escolher” na constituição de suas sexualidades, buscando-se compreender a escolha pela perspectiva Fenomenológica Existencialista Sartriana. Para tanto, adotou-se procedimentos metodológicos de caráter qualitativos e de levantamento de dados. Realizou-se entrevistas com três homens que consideram-se homossexuais e três que consideram-se heterossexuais e seus discursos foram distribuídos em categorias e subcategorias de análises, relacionadas ao contexto cultural ocidental e com o processo de escolhas singulares dos participantes. Constatou-se que tanto os sujeitos que se consideram heterossexuais quanto os que se consideram homossexuais, não percebem em suas ações, escolhas referentes às suas sexualidades e indicam que suas orientações sexuais são inatas. No entanto, são perceptíveis no processo de constituição de suas sexualidades elementos de identificação de sexos biológicos e gêneros, sob a referência heteronormativa e dicotômica do masculino sobre o feminino. Verificou-se ainda que, as nomenclaturas que caracterizam as orientações sexuais, além de vieses constituintes de identidades, são formas de categorizações que excluem pessoas e geram preconceitos, visto que pressupõem estereótipos comportamentais e de gênero. Há um desconforto na sociedade perante os movimentos sociais de diversidade sexual e um processo de aceitabilidade de políticas de direitos as pessoas que compartilham de vivências homoafetivas como o casamento civil e adoção de crianças e adolescentes. Ademais, visto as percepções dos participantes verificaram-se divergências e convergências de ideias entre os mesmos.

**Palavras-chave:** Escolha. Fenomenologia. Sexualidade

### **1 INTRODUÇÃO**

É comum associar a “escolha” às sexualidades humanas sem que haja uma posição crítica da utilização deste termo. Quando isso acontece destituído de reflexão, infere-

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo. Orientadora: Prof. Ana Maria Pereira Lopes, Dra.

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. [ematuir@yahoo.com.br](mailto:ematuir@yahoo.com.br)

se sobre o “outro” esta possibilidade, sem considerar aspectos do contexto, constituintes do ser humano, como: a cultura, família, religião, escola, a própria singularidade da pessoa, dentre outros. Assim, abrem-se possibilidades diretas de violências e desqualificação do “outro”. Neste sentido, propõe-se uma compreensão do processo de escolha relacionado à sexualidade humana por meio da perspectiva teórica Fenomenológica Existencialista Sartriana.

“[...] A existência precede a essência” (SARTRE, 1987, p. 7). A partir desta máxima Sartriana compreende-se que na constituição da subjetividade humana, não há algo que pré-determine o sujeito. Não há uma natureza humana, o homem é livre, “o homem é condenado a ser livre” (ibidem). O homem está condenado no sentido de que não criou a si mesmo, no entanto, à medida que está no mundo não há como negar esta liberdade, sendo responsável pelo seu fazer. Este fazer é fruto da sua existência, primeiramente ele está no mundo, e a sua relação com o mundo o faz existir e se projetar ao futuro. As ações (escolhas) humanas implicam em mudanças no contexto em que o sujeito vive, e modificam-no, num processo de totalização, destotalização e retotalização. Para Sartre (1987) na medida em que se escolhe, o ser humano exerce a sua liberdade. Pode ocorrer que o sujeito não se perceba escolhendo na sua relação com o mundo, no entanto, isso não exime o fato de que isso também é uma escolha, mesmo que alienada. (SARTRE, 1987).

Esta compreensão é necessária para que se possa conceber o que Sartre (1987) intitulou ser o projeto. Isto é, o sujeito na história tende a se lançar para o futuro e a constituir o seu projeto-de-ser, na medida em que se relaciona com o futuro é possível a partir de suas ações modificar o presente e se modificar. No entanto, as ações que o homem estabelece com o meio também são resultados de uma alienação, pois, ao se relacionar com o que já está dado, este por ser instituído é tomado como verdade e arraigado ao projeto-de-ser do sujeito de maneira acrítica. Pressupõe-se, a partir do que o autor expôs, que o ser humano é constituído pela sociedade e na medida em que se relaciona com este se modifica e é modificado por ele, num movimento que o autor denominou progressivo – regressivo, isto é, aquilo que está instaurado (presente) estará presente no que à devir (futuro) e traz elementos do que já passou (passado), num processo dialético rumo ao futuro.

As possibilidades de ser sujeito estão ligadas ao conceito de corpo e consciência que são indissociáveis entre si, e é a partir destes que se estabelecem as relações com o mundo, isto é, o sujeito é corpo/consciência que se constitui dialeticamente considerando as várias dimensões da existência: dimensão ontológica, antropológica e psicológica, formando o que se pode chamar de personalidade, aquilo que é de mais subjetivo na pessoa. (SARTRE,

1987). Deste modo, o corpo e consciência como princípios psicológicos do desenvolvimento enquanto ser, pressupõem que o sujeito confirme e reconfirme dialeticamente as suas ações, formando esta personalidade e reconhecendo-a enquanto identidade.

Assim, a constituição de uma identidade, bem como o reconhecimento desta, denota em Sartre que o sujeito se escolhe, ao realizar esta afirmação, significa fazê-la valer, a quaisquer ações que o sujeito exerce no mundo, inclusive para a sexualidade. Segundo Kern e Silva (2009), a sexualidade é uma condição humana que coloca o homem enquanto ser subjetivo no plano social. Com a teoria Sartriana, pode-se afirmar que a sexualidade é uma das formas de constituir o projeto-de-ser, e a partir dos aspectos vividos se “tece” uma identidade sexual dentre as possibilidades de manifestação desta. Porém, pode-se ainda questionar, a sexualidade humana enquanto liberdade é possível? Como se desenvolve a sexualidade numa sociedade onde se predomina a heterogenia? E a sexualidade homossexual?

Giddens (1993), parafraseando Michel Foucault, afirma que a sexualidade fora inventada como uma forma de controle dos corpos, que viabilizou a geração e manutenção de um poder a favor do que já estava instaurado. Para além de um corpo biológico que reproduza em si mesmo uma sexualidade da procriação, a reprodução passou a ser caracterizada como fundamental para promulgar a produtividade. O matrimônio, o ter filhos, a constituição de uma família, a monogamia, transcendem seus objetivos atualmente considerado como normal, pois em seus primórdios estas configurações foram meios de se garantir a produtividade. Neste sentido, tudo o que não possibilite estas possíveis configurações são consideradas pela sociedade como uma ameaça, estabelece-se uma relação de gênero onde a masculinidade é a detentora do poder.

Chauí (1984) demonstra que no decorrer da história de uma sociedade há diferentes justificativas quanto à proibição de práticas ligadas à sexualidade. Criam-se normas, regras, leis e valores que vão se instituindo como normalidade, e tudo o que venha representar o não cumprimento destas ‘regras’ sofrerão o fenômeno da “repressão sexual”. Nesse sentido, repressão sexual é tida como o conjunto de regras conhecidas pelo sociedade que proíbem e/ou coíbem as práticas sexuais genitais que fujam a um padrão de normalidade.

Do que a normalidade se subscreve? Sabe-se que a sociedade possui em sua constituição cultural conjuntos de saberes que se institucionalizam. A religião, o direito, a ciência e a moral, são saberes que ditam as práticas sexuais que devem ser preservadas e outras que devem ser reprimidas. Nesse sentido, numa sociedade que considera o sexo apenas como meio de reprodução da espécie e/ou como função biológica a procriação, quaisquer que sejam as práticas que não cumpram esta função serão reprimidas socialmente (CHAUÍ, 1984),

dentre as diversas formas consideradas “desviantes” a esta norma instituída, encontra-se a orientação homossexual.

Não há como negar que a sexualidade possui uma história e esta se inscreve na subjetividade humana de maneira que as pessoas percebem-na como natural e pertencente ao âmbito privado. Louro (1999) indica que a afirmação de uma sexualidade naturalizada destitui os sentidos sociais e políticos que esta possui, segundo a autora, é a partir de processos culturais que se define o que se é considerado natural ou não, e os corpos ganham sentidos socialmente. Neste sentido, as possibilidades da sexualidade, das formas de expressão dos desejos, afetos e prazeres também são estabelecidas e codificadas pela sociedade, inclusive os aspectos constituintes da sexualidade e da identidade sexual, como o “sexo biológico” (sexo) e “gênero (masculino e feminino)”. (LOURO, 1999).

“Sexo” possui uma interpretação da social naturalizada, como se este fosse dado *a priori*, num sentido de pertencimento ao corpo biológico e gênero seriam as construções simbólicas construídas culturalmente. No entanto, Butler (2003) realiza reflexões acerca destas afirmações, e problematiza o “sexo” enquanto naturalizado, pois, o próprio “sexo” possui significados históricos e culturais que entrelaçam-se com as concepções de gênero. A autora ainda afirma que, se o gênero é dado a partir de construções culturais, significa que estas construções se inscrevem no corpo humano a partir do que é dado, e isso também pode ser considerado um determinismo. Estas problematizações sugerem antes de tudo, que gênero e sexualidade não podem ser considerados como algo estanque, pois, estão sempre num movimento dialético de construção e desconstrução, o que indica que sexualidade e gênero podem assumir diferentes formas em diferentes contextos.

Ressalta-se a partir de Louro (1999) e Butler (2003) que a sexualidade, bem como os seus constituintes como a identidade de gênero, sexo e a orientação sexual, são construções da sociedade passíveis de mudança no tempo. Estes elementos que constituem a sexualidade são subjetivados de maneira particular pela pessoa, isso desmistifica a ideia de padrões e estereótipos para a sexualidade e o Gênero, pois ambos são considerados plurais. Neste sentido, o presente artigo aborda terminologias comumente utilizadas na sociedade ocidental para designar relações homoafetivas e heteroafetivas, respectivamente consideradas, homossexuais e heterossexuais. Contudo, esta crítica da padronização e generalização é avaliada *a priori*, e não significa em nenhum momento um reducionismo para uma única possibilidade de ser/estar homossexual e heterossexual.

Kern e Silva (2009, p. 512), afirmam que numa sociedade onde os valores são heterossexuais, “pessoas que assumem uma orientação homossexual, assumem uma

identidade não aprovada socialmente. Ainda hoje, quando se vivencia a liberdade de ser, de ir e vir, a homossexualidade preserva uma identidade camuflada [...]”. Nesse sentido, percebe-se que as possibilidades de aceitação de ser do sujeito homossexual são de certa forma ainda muito restritas. É bastante perceptível que a forma pelo qual o sujeito se manifesta no mundo ocorre por meio do desenvolvimento das suas relações, e como estas foram “moldando” a forma de ser. Pressupõe-se, a partir de Sartre, que as ações que o sujeito faz no mundo são as suas escolhas, estas escolhas (ações), podem ser alienadas ao seu processo histórico, isto é, quando o sujeito estabelece relações com o mundo, vai escolhendo de acordo com as possibilidades apresentadas no contexto.

Assim, o sentido que se detém acerca da sexualidade, está relacionado ao contexto histórico e revela parte da possibilidade dentre as várias ações humanas que se pode ter. E a partir desta concepção pode-se afirmar que o sujeito escolhe sua sexualidade. Sartre (1987, p. 152) afirma que “o homem caracteriza-se antes de tudo pela superação de uma situação, pelo que chega a fazer daquilo que se fez dele, mesmo que ele não se conheça jamais em sua objetivação”. Neste sentido, o homem é responsável pela sua existência, por suas ações no mundo. A isto se relaciona os seguintes questionamentos: quais os efeitos do uso da escolha no que se refere à liberdade sexual? Como a escolha se sustenta numa sociedade heterogênea? Como que o senso comum percebe este conceito? É possível associar a escolha à sexualidade humana?

Verifica-se que geralmente a relação que as pessoas possuem com o termo “escolha” se dá a partir da seleção de algo em detrimento de outra coisa. Se escolhe isto à aquilo, este à outro. O campo dos possíveis é reduzido a um dualismo, por exemplo: bom ou mal, preto e branco, heterossexual e homossexual. O que se percebe é que a partir da preferência de um entre dois elementos que a pessoa manifesta a sua escolha.

De acordo com o dicionário Michaelis (2012) escolha significa: “*sf* (*der* regressiva de *escolher*) 1 Ato ou efeito de escolher; seleção, classificação. 2 Aquilo que se escolhe. 3 Discernimento. [...]”. Verifica-se que não é possível separar o conceito de *escolha* do verbo que indica uma ação: *escolher*, a escolha é o resultado desta ação. Constatase que escolher (ação) pressupõe um discernimento, isto é, uma consciência daquilo que se escolhe. Questiona-se: como se manifesta esta consciência? O que acontece quando se relaciona o termo escolher com a sexualidade e a consciência desta? É possível perceber elementos que caracterizaria uma escolha consciente da sexualidade?

É importante destacar que não há estudos que demonstrem o que é a escolha para o senso comum, no entanto, pressupõe-se a partir do que se revela no cotidiano que é a partir

desta concepção de escolha que as pessoas se relacionam com o termo. O conhecimento advindo do senso comum se faz necessário na medida em que em grande parte, com base nele, os sujeitos tecem suas relações e desenvolvem suas ações no mundo. No entanto, tratar a sexualidade humana como escolha no sentido do senso comum, pode abrir margens para o pré-conceito, pois as pessoas não compreendem a dimensão subjetiva do processo de escolha da sexualidade, como pretende a teoria Sartriana.

Senso comum é um tipo de conhecimento produzido por meio do cotidiano. Bock (2001) afirma que este tipo de conhecimento emerge das experiências espontâneas dos sujeitos e a partir destas vai se desenvolvendo um sentido pessoal/subjetivo da realidade, sem haver um rigor reflexivo/científico. Nesse sentido, pode-se afirmar que o conhecimento do senso comum se estabelece e adapta-se considerando aspectos do cotidiano, da cultura, das morais e pode variar no tempo e no espaço.

É notório que, ao se tratar das sexualidades, sejam elas de pessoas que compartilham de vivências homoafetivas ou heteroafetivas, a concepção simplista do conceito de escolha, trata das sexualidades homoafetivas como sendo opcionais, como se o sujeito obtivesse uma intenção pensada de assim o ser. Ora, não se trata de afirmar a impossibilidade de se estabelecer uma consciência reflexiva crítica acerca das sexualidades no devir de suas constituições, porém, é importante que se assuma uma postura crítica no que se refere a conhecimentos que advém de um lugar onde as possibilidades de reflexões críticas não sejam frequentes, pois assim sendo, abrem-se margens a situações de exclusão, marginalização e preconceito daqueles que não estão aos padrões pré-estabelecidos, como é o caso de pessoas que se identificam com a homossexualidade.

Sartre (1987) diferencia dois tipos de consciência, a reflexiva crítica (aquela em que o sujeito toma seu próprio eu como objeto e assume uma postura reflexiva de suas ações) e a Irreflexiva (no qual o sujeito desenvolve suas ações de forma espontânea sem colocar o eu como objeto de reflexão). Afirma ainda que na maior parte do tempo os indivíduos estão lançados na espontaneidade, isto é, de maneira alienada. Nesse sentido, o senso comum se dá na espontaneidade do ser em relação com a materialidade, o sujeito constitui-se e é constituído por saberes/conhecimentos. É importante levar estes aspectos em consideração para que se possa verificar a implicação que este modo de se constituir possui nas ações que o sujeito estabelece com mundo, bem como na produção de conceitos, especificamente no que se refere a presente pesquisa.

A partir disto, se questiona como se constitui o conceito de escolha para a homossexualidade e heterossexualidade num contexto em que a segunda é mais naturalizada?

Pelo conhecimento produzido no senso comum, seria possível associar a homossexualidade à uma escolha intencional da pessoa por ser percebida como minoria? Observa-se que perguntas acerca da sexualidade enquanto escolha está relacionada à pessoas que se diferem da norma heterossexual, pois, não se questiona uma pessoa com orientação heterossexual se esta escolheu ser “hetero”, nem se sua opção é esta, tão pouco se afirma que a sua condição é esta. Cabe aqui uma lacuna a ser verificada: para os heterossexuais como se desvela esta sexualidade? Seria ela percebida sem intencionalidade?

Percebe-se que não há uma discussão no que se refere à escolha da sexualidade. E é notório que quando se refere a esta, visualizam-se possibilidades restritas como a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Mas, seriam apenas estas as possibilidades sexuais dos seres humanos? Neste sentido, torna-se relevante realizar mais discussões acerca da escolha quando esta é associada à sexualidade, pois, há uma carência na literatura acerca deste debate, sendo necessário conhecer: **qual a percepção de pessoas que compartilham de vivências homoafetivas e heteroafetivas acerca do processo de “escolher” na constituição de suas sexualidades?**

Debates como estes são importantes para que preconceitos que desqualificam a homossexualidade possam ser amenizados e para que se viabilizem políticas públicas em favor dos direitos humanos enquanto cidadãos. Pois, na medida em que se caracteriza como se aplica os conceitos ao cotidiano da vida humana, tem-se a oportunidade de ampliar a visibilidade de um determinado fenômeno e a partir disso promulgar a sociedade uma faceta deste, não antes mencionada, contribuindo para amenizar ainda mais as manifestações preconceituosas subjacentes.

Neste sentido, pretendeu-se com esta pesquisa identificar a percepção de pessoas que compartilham de vivências homoafetivas e heteroafetivas acerca do processo de “escolher” na constituição de suas sexualidades. Para alcançar tal objetivo estabeleceram-se cinco objetivos específicos, são eles: a) identificar como homossexuais e heterossexuais percebem escolhendo suas sexualidades; b) identificar no processo de constituição histórica de homossexuais e heterossexuais identificações de gênero e sexualidade; c) identificar qual a percepção de homossexuais e heterossexuais acerca dos termos utilizados para definir as suas sexualidades; d) identificar o modo que homossexuais e heterossexuais se relacionam com a diversidade sexual e por último e) relacionar a percepção de homossexuais com a percepção de heterossexuais acerca do processo de escolher na constituição de suas sexualidades.

Nota-se que a sexualidade é tida como natural, porém, pode-se afirmar que o conceito de naturalidade transcende em si mesmo, pois, o que significa ser natural? Adelman

(2000) afirma que a sexualidade não é natural, nem tão pouco há formas de sexualidade mais natural do que outras. O que há são construções sociais e históricas da sexualidade. A escolha no seu sentido cotidiano pode estar sendo utilizada para garantir o lugar em que a heterossexualidade enquanto normatividade possui, o que diminui as possibilidades de outras formas de sexualidades.

O histórico da homossexualidade no Brasil suscitou vários debates de inclusão das pessoas homossexuais, em políticas públicas que viabilizem seus direitos civis. Na década de 1980, a retirada do termo homossexualismo do Manual de Diagnóstico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana, acarretou, uma década depois, na retirada deste termo da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde da Organização Mundial da Saúde (CID/OMS), retirando a homossexualidade de padrões patológicos. (LIONÇO, 2009). Neste sentido, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da Resolução nº 001/99, estabeleceu normas de atuação para psicólogos em relação à questão da orientação sexual. “Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.” Também não poderão exercer ações que favoreçam a patologização destas práticas nem disseminar pronunciamentos públicos a fim de orientar homossexuais para tratamentos e reforçar preconceitos sociais. Neste sentido, a Psicologia possui papel importante na produção de conhecimento contra a discriminação e preconceitos sociais.

Fora criado no Brasil, em 2004, o programa “*Brasil sem Homofobia*”, este é um Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) e de Promoção da Cidadania de Homossexuais. (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE A DISCRIMINAÇÃO, 2004). Em 2006, O Conselho Federal de Serviço Social (CFSS), por meio da Resolução nº 489/2006, formulou normas vedando condutas discriminatórias ou preconceituosas, por orientação e expressão sexual por pessoas do mesmo sexo, no exercício profissional do assistente social, regulamentando princípio inscrito no Código de Ética Profissional. Propostas como as aqui apresentadas contribuirão para o debate recorrente. Como se percebe, instituições como a OMS, CFP e CFSS demarcam a história da retirada da homossexualidade de um lugar patológico e a coloca como um modo de expressão subjetiva do ser.

No ano de 2009, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República desenvolveu o Plano Nacional da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o objetivo de “Orientar a construção de

políticas públicas de inclusão social e de combate às desigualdades para a população LGBT, primando pela intersetorialidade e transversalidade na proposição e implementação dessas políticas”. Isso demonstra a importância de Governo e Sociedade Civil poderem relacionar-se para a criação destas. Neste sentido, visto que o conceito de escolha é usualmente utilizado para referir-se à sexualidade homossexual, pretende-se aumentar o senso crítico com relação aos conceitos utilizados para definir a sexualidade humana, na direção da Resolução nº 001/99 e possivelmente repensar conceitos para promulgação de novas políticas públicas.

As políticas de diversidade sexual devem e são criadas levando-se em consideração a Cidadania e a Dignidade da pessoa humana, previsto nos incisos I e II do Art. 1º da Constituição Federal do Brasil de 1988. Outros aspectos presentes na Constituição Federal a serem considerados são, o inciso IV do art. 3º que possui como pressuposto “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Bem como, o art. 5º do qual afirma que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Estudos como este, fomentam inclusive para que nos espaços escolares possam também ser problematizados conceitos utilizados para se referir à sexualidade humana. Isso porque, esse debate precisa ser inserido nos contextos educacionais. Pois, a escola é um espaço que viabiliza um elo entre família e sociedade deste modo, pode reproduzir padrões e discursos heterossexistas, restringir as várias possibilidades existentes da sexualidade e nas “entre linhas” negar o direito de escolha.

Na perspectiva de ampliar o debate sobre a diversidade, foram encontrados estudos que versavam sobre esta temática. Sobre os padrões/normas estabelecidos pela sociedade, Aran e Correa (2004), Dessunti (2008), Gaard (2011), Scardua e Sousa Filho (2006) e Toneli (2008), dispõem que a heterossexualidade é a referência na cultura e sociedade ocidental, e os que não estão em acordo desta, são considerados “desviantes”. Para França e Baptista (2007) as normas e os desvios no Brasil dizem respeito a categorizações de pessoas. Mello (2006) afirma que a sexualidade é um produto humano que dever ser vista como plural. No entanto, Souza e Langaro (2011) demonstram que há uma hierarquia heteronormativa e binária constituinte das identidades das pessoas.

Para Heilborn (2006) a sexualidade no Brasil é considerada maleável e erotizada, no entanto, isso não corresponde aos comportamentos sexuais dos brasileiros que se tecem a partir de uma relação de gênero. Siqueira (1997), Gomes (2003) e Mota (1998) afirmam que

na constituição da masculinidade, pressupõe-se um feminino que lhe é além de submisso, uma ameaça que se deve contrapor-se a partir de características como virilidade e desempenho sexual. Souza e Ferreira (1997) destacam que os papéis sexuais masculinos esperados não são mais eficazes como norteadores de identidade de gênero dos homens. Para Gomes (2003) e Silva (2006) isso é reflexo do feminismo no Brasil, que fomentou outras formas de se considerar a masculinidade.

Menezes, Brito e Henriques (2010) demonstram que a orientação sexual/identidade sexual é um fenômeno complexo constituído de diferentes padrões e funções. Scardua e Sousa Filho (2006) verificaram que heterossexuais percebem a homossexualidade como ato intencional dos homossexuais, diferente destes que não percebem essa intencionalidade em seus comportamentos. Mello (2006) e Dias (2000) destacam a dificuldade que se tem para garantir políticas públicas de direitos civis aos homossexuais. Souza e Silva (2012) identificaram mesmo em políticas de inclusão uma tendência à hegemonia sexual ao tratar da homossexualidade como minoria em relação heterossexualidade. Cesar (2009), Dinis (2008, 2011), Furlani (2008), Maia (2012), Nardi e Quartiero (2012) e Vianna (2012) demonstram que há uma carência em debates na Educação, relacionados a temas como a educação sexual, diversidade sexual e sexualidade.

Epstein e Johnson (2009) afirmam que jovens compreendem o corpo e sexualidade a partir de relações sociais de poder, que demarcam diferenças. Teixeira (2012) destaca que há inúmeros fatores na história de vida de jovens homossexuais que interferem em suas decisões para assumirem esta identidade sexual. Garcia (2009) evidencia que quando são identificados discursos homofóbicos como “viado” e “bicha” na história de vida de travestis, estas, estabelecem similaridades a conjugalidade heterossexual, onde há a submissão de uma das partes. Taquette (2005) concluiu que os modos de experiências homossexuais de adolescentes homens são diversos e não definidores de uma identidade sexual.

Dinis (2011) afirma que um conceito é sempre uma tentativa de simplificar por meio de uma palavra algo que é de construto histórico-cultural. Adelman (2000) destaca que os conceitos de homossexualidade e heterossexualidade foram criados num determinado contexto cultural, onde o primeiro torna-se forma de luta política reivindicante da diversidade sexual. Dessunti (2008) notou diferentes conceitos definidores de identidades sexuais, como: gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, *drag queen*, e por estas terminologias estarem arraigadas de estereótipos sugere denominar de “orientação sexual”. Anjos (2000) e França (2006) destacam que entre os grupos de homossexuais há divergências quanto aos modos de se conceber a sexualidade o que retoma a lógica da hierarquização de gênero. Nardi e

Quartiero (2012) evidenciam que, ao refletir acerca daquilo que é desvelado como algo abominável, remete-se ao “diferente”.

Percebe-se, a partir do que vem sendo produzido pela literatura, a importância de se garantir reflexões críticas acerca da diversidade sexual. Como visto, não há publicações no que se refere à sexualidade atrelada ao conceito de escolha, no entanto, a escolha aparece como sendo norteadora no que se refere a uma decisão da sexualidade. As sexualidades, na cultura ocidental, assumem deste modo um caráter heteronormativo, que serve de referência para a diferenciação de outras formas de sexualidade. Isto revela que independente das críticas acerca das normas instauradas na sociedade, é na sociedade que se encontram as possibilidades para se garantir direito à diferença e diversidade.

## **2 MÉTODO**

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa. Segundo Deslandes (1994), uma pesquisa qualitativa preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, “o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (DESLANDES, 1994, p. 21-22).

A fim de atender aos objetivos desta pesquisa, o delineamento da mesma foi o de Estudo de Caso. Segundo Yin (1981, p. 23, apud GIL, 1999, p. 72), uma pesquisa com o delineamento voltado para o Estudo de Caso é um “estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”. Neste sentido, esta pesquisa assumiu caráter exploratório, visto que o conceito de escolha atrelado à sexualidade é um tema pouco explorado, e por ter tido como finalidade o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de ideias. (GIL, 1999, p.43). Destaca-se que a presente pesquisa fora submetida na sua versão de projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Catarina. (CEP – UNISUL). Tendo sido aprovada em Fevereiro de 2013.

Participaram da pesquisa seis pessoas com idade entre 20 e 35 anos, do sexo masculino<sup>3</sup>. Sendo, três participantes com orientação homossexual<sup>4</sup> e três com orientação heterossexual<sup>5</sup>. A escolha por pessoas do sexo masculino e desta faixa etária fora necessário para que se estabelecesse um recorte de pesquisa contribuindo assim, para a análise dos conteúdos obtidos. Avalia-se que o número de participantes fora suficiente para se alcançar os objetivos desta pesquisa, que tem modalidade de iniciação científica.

Quadro 1 – Identificação dos participantes da pesquisa

PESSOA	IDADE	ORIENTAÇÃO SEXUAL	FORMAÇÃO	INSERIDO NO MERCADO DE TRABALHO?
HOM 01	30	Homossexual	Pós-Graduado	Em perícia
HOM 02	25	Homossexual	Ensino Superior Completo	Sim
HOM 03	24	Homossexual	Ensino Técnico Completo	Sim
HET 01	29	Heterossexual	Cursando Ensino Superior	Sim
HET 02	26	Heterossexual	Cursando Ensino Superior	Sim
HET 03	33	Heterossexual	Ensino Superior Completo	Sim

Fonte: Elaboração do autor, 2013.

O Material utilizado para coletar os dados fora um computador *note book* com o programa de edição de áudio *Nero Wave Editor*<sup>6</sup> para gravação de voz dos participantes. Utilizou-se Caneta, Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Anexo A) e Termo de Consentimento para Gravações (Anexo B). Posterior às entrevistas utilizou-se para análise de dados um computador, folhas, canetas e impressora.

Para a realização das entrevistas foram utilizadas salas da Universidade, no entanto, apenas três entrevistas ocorreram na própria Instituição de Ensino UNISUL, e em outras três, por decisão das pessoas entrevistadas, o pesquisador dirigiu-se até suas casas. Nas entrevistas realizadas na UNISUL, colocou-se aviso na porta indicando que não se poderia interromper, nas casas das pessoas, buscou-se informar estas sobre a necessidade de um local reservado livre de interrupções. Desse modo, garantiu-se o sigilo das informações, a

<sup>3</sup> Os participantes desta pesquisa serão identificados como homossexuais e heterossexuais, para fim de melhor visualização do fenômeno, e pelos participantes utilizarem-se destes termos para identificar suas orientações sexuais, no entanto, isso não significa padronizar a diversidade existente de homossexualidades e heterossexualidades.

<sup>4</sup> Os participantes com orientação Homossexual serão identificados pelo prefixo HOM seguido de números 01, 02 ou 03, a depender da pessoa que se referencia.

<sup>5</sup> Os participantes com orientação Heterossexual serão identificados pelo prefixo HET seguido de números 01, 02 ou 03, a depender da pessoa que se referencia.

<sup>6</sup> Editor de áudio do *Nero 7 Ultra Edition*.

ininterrupção da entrevista por parte de terceiros, bem como o contato direto de pesquisador e pesquisado.

Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturada (Apêndice A) e serviu como um guia para a execução da entrevista. Sendo esta a partir do que indica Deslandes, (1994): um meio pelo qual o pesquisador pôde acessar o fenômeno que se pretendia pesquisar por meio das falas das pessoas pesquisadas. A entrevista fora elaborada abordando-se aspectos que pudesse compreender a escolha enquanto processo de constituição da sexualidade do entrevistado, a percepção do entrevistado acerca da sua sexualidade, da sexualidade do outro, percepção sobre diversidade sexual e percepção acerca das terminologias referentes às orientações sexuais.

Para a elaboração do instrumento de coleta de dados fora feito uma análise de variáveis a fim de verificar quais destas poderiam compor cada objetivo proposto por esta pesquisa. Posterior à elaboração do Instrumento de Coleta de Dados, realizou-se dois “testes pilotos” com duas pessoas que atendessem aos critérios de seleção dos participantes a fim de verificar se o instrumento de coleta de dados estava adequado para atingir os objetivos pretendidos. A aplicação piloto indicou que as perguntas elaboradas deveriam permanecer sem alterações. Durante a entrevista, quando necessário, foram realizadas outras perguntas com o intuito de auxiliar o desenvolvimento das respostas. Para Deslandes, (1994) realizar outros questionamentos se torna viável, pois, permite que se vislumbre o fenômeno em direção aos objetivos da pesquisa.

A seleção de participantes que mais se aplica a esta pesquisa é a que Gil (1999, p. 104) define como amostragem por acessibilidade ou por conveniência, pois, não houve um rigor estatístico, no entanto, buscou-se o distanciamento necessário a fim de cumprir a ética em pesquisa, bem como os conteúdos do qual se teve acesso foram representativos do fenômeno que se pretendia investigar.

O contato inicial com os entrevistados foi feito por email e por telefone. Deste modo agendou-se uma entrevista com cada participante. Antes da entrevista, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Consentimento para Gravações, de modo que os participantes não permanecessem com dúvidas e concordassem em participar por meio da assinatura de ambos os termos. Disponibilizou-se uma via dos termos aos participantes. Explicou-se também que após a entrevista ser gravada, a mesma seria transcrita na literalidade e que a identidade do entrevistado seria preservada. As entrevistas levaram em média quarenta minutos, não havendo interrupções da mesma. Quando

necessário, realizou-se outros questionamentos, não se verificou nenhum desconforto por parte dos participantes durante a realização da entrevista.

Após esta etapa, ouviram-se as gravações e as informações foram transcritas. Depois os dados foram organizados em categorias e subcategorias de análises (Apêndice B), indicando-se os dados das pessoas com orientação homossexual e das pessoas com orientação heterossexual. Na medida em que os dados foram sendo distribuídos nas categorias e subcategorias, procurou-se identificar em um campo próprio criado, as possíveis referências já relacionadas e as primeiras análises dos dados. Estando os dados categorizados e identificados por grupos (homossexuais e heterossexuais), procurou-se comparar e relacionar os dados a fim de analisá-los.

Para a análise de dados, utilizou-se do método fenomenológico, que a partir de Gil (1999, p. 32) é um método que busca “avançar para as próprias coisas”, ou seja, visou-se o dado objetivo sem apontamentos, e procurou-se demonstrar a experiência dos sujeitos como ela é sem a necessidade de explicações causais para estas experiências. A realidade a partir deste método fora compreendida não apenas como uma única realidade e sim a partir de um campo de possíveis. Para este método, o mundo é criado pela consciência, e as pessoas entrevistadas são reconhecidas como fundamentais para a construção do conhecimento produzido pela pesquisa.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A análise e discussão dos dados desta pesquisa deverão ser entendidas da seguinte maneira: a partir das falas de Heterossexuais e Homossexuais<sup>7</sup> buscar-se-á apresentar a percepção dos sujeitos relacionados aos seguintes subcapítulos 3.1 Percepções de homossexuais e heterossexuais sobre escolha relacionada às suas sexualidades, 3.2 Identificações de gênero e sexualidade de homossexuais e heterossexuais, 3.3 Terminologias referentes às sexualidades homossexuais e heterossexuais como constituidoras de

---

<sup>7</sup> Os participantes desta pesquisa serão identificados como homossexuais (HOM) e heterossexuais (HET), para fim de melhor visualização do fenômeno, e pelos participantes utilizarem-se destes termos para identificar suas orientações sexuais, no entanto, isso não significa padronizar a diversidade existente de homossexualidades e heterossexualidades.

subjetividades e 3.4 Homossexuais e Heterossexuais diante de políticas de direitos sobre à diversidade sexual. Buscar-se-á ainda, estabelecer a comparação entre os sujeitos entrevistados.

As categorias e subcategorias dizem respeito em sua maioria aos heterossexuais e homossexuais. As pessoas que se consideram homossexuais serão identificados pelo prefixo HOM e os heterossexuais por HET. Quando se quiser aludir a um determinado participante este será identificado pelos números 01, 02 ou 03 a depender de quem se quer referenciar, conforme consta no método no respectivo quadro de identificação dos participantes.

### 3.1 PERCEPÇÕES DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS SOBRE ESCOLHA RELACIONADA ÀS SUAS SEXUALIDADES

Esse subcapítulo compreende 07 categorias e 20 subcategorias de análises. A partir das falas de pessoas com orientação homossexual (HOM) e heterossexual (HET) buscar-se-á apresentar a percepção de ambos acerca do processo de escolha de suas sexualidades e a comparação entre a percepção dos sujeitos homossexuais e heterossexuais.

Em relação à primeira categoria **Reflexão sobre a orientação sexual**, esta se subdivide em duas subcategorias que mostrou ser essa reflexão com relação a si mesmo para os sujeitos entrevistados HOM, diferente dos HET que além da reflexão com relação a si mesmo possuem-na também com relação ao outro (entenda-se: com a orientação sexual diferente da sua).

Percebe-se que a reflexão da sexualidade para os participantes HOM é oriunda de um conflito interno com relação a si mesmo. Um conflito que localiza um sentimento de “ser diferente” e de um “não lugar”, que denota um sofrimento. Ilustra-se isso a partir da fala de HOM 01:

Foram várias reflexões, em vários momentos, em várias situações, e este processo começou já desde adolescência. Desde lá uns 12, 13, 14 anos foi quando começou. E eu tive um conflito interno muito grande [...]. E, eu tive um conflito muito grande interno comigo tanto que desencadeou depressão.

Quanto aos participantes HET, ao falar da reflexão sobre a orientação sexual com relação a si mesmo, verificou-se de antemão uma ausência de possibilidade em fazê-la. Esta afirmação é perceptível a partir da fala de HET 01:

[...] mas, com relação a minha opção não sei bem dizer como se deu assim.

Possivelmente, esta ausência de reflexão sobre suas sexualidades entre os participantes HET esteja ligada ao fato de haver na sociedade uma norma/padrão que está em concordância do que esta sociedade interpreta como normal para a sexualidade. Na Sociedade Ocidental, a norma construída historicamente diz respeito ao homem branco, heterossexual e cristão, o que deixa desnecessário nomear/identificar e refletir sobre a orientação sexual quando se está em acordo com este padrão. Cabe aos “outros” sujeitos sociais, aqueles considerados desviantes desta norma heterossexual, como é o caso dos homossexuais, se definirem utilizando-se desta referencia. (LOURO, 1999).

Ainda com relação aos participantes HET, sobre a reflexão da sexualidade com relação a si mesmo, o que se percebe é que essa reflexão para este grupo é procedente da percepção da existência da homossexualidade, de uma orientação sexual diferente da sua, e da busca pela compreensão da existência desta diferença. Demonstra-se isso a partir da fala de HET 03:

Se eu já refleti, sim, sim já. No sentido de tentar enxergar o por quê tem esta diferença, até entender um pouco como é que funciona, o heterossexualismo e o homossexualismo.

Isso vai ao encontro de que somente os participantes HET falaram sobre a sexualidade com relação ao outro, no que se refere à **reflexão sobre a orientação sexual**. Sobre isso destaca-se:

[...] o meu irmão do meio ele é homossexual assumido. Então, o meu irmão mais novo já é heterossexual, então, essa diferença né, de tentar entender o por quê que ele sendo nosso irmão, vindos do mesmo pai e mãe, digamos assim, essa diferença que me levou a pensar no por quê que alguns podem ser heterossexuais, outros homossexuais [...]. (HET 02)

Demonstra-se com isso que a reflexão sobre a orientação sexual dos sujeitos entrevistados HET surge, na medida em que este localiza a diferença sexual com relação ao outro, em busca de uma compreensão desta diferença. Neste sentido, se é a partir da demarcação da diferença sexual do outro que os participantes HET passam a ter uma reflexão sobre si mesmo, pressupõe-se que ignorar a existência da diferença sexual é uma forma de evitar a reflexão sobre si mesmo. Visto que, se esta diferença não fosse apontada, seria descabido esta reflexão, pois a heterossexualidade é a referência de normalidade para a sociedade.

Há um construto social do que se considera ser normal, e a heterossexualidade é um destes construtos, deste modo esta passa-se a ser a referência para distinguir o que se é diferente, e/ou os que se contrapõe a este padrão. Percebe-se que o grupo de heterossexuais como referência padronizada doa sociedade localiza a diferença no “outro” (homossexuais) e não em si mesmos. Louro (1999) afirma que nos reconhecimentos de outras identidades, está também, uma atribuição das diferenças. Este modo de atribuir às diferenças está diretamente conectado a uma instituição de desigualdades, de hierarquias e se imbricam com redes de poder na sociedade. A autora ainda aponta que “[...] O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos”. (ibidem, p.15). Neste sentido, o diferente é aquele ou aquela que não compartilham destes atributos.

No que se refere à categoria **Momento mais perceptível da orientação sexual**, esta se subdivide em três subcategorias, sendo elas: infância, adolescência e não houve momento exato, tanto para os sujeitos entrevistados HET quanto para HOM.

Tanto os sujeitos entrevistados HOM quanto os HET afirmam que o início da percepção da orientação sexual se deu na infância:

É assim, desde pequeno, desde os cinco anos assim, tipo, eu sempre tive esse olhar entendeu, não entendia direito o que era, mas sempre tive essa coisa que me chamava, que eu não sentia nada por menina, só por meninos, tipo, desde que eu me conheço por gente eu não tive outro sentimento a não ser este. (HOM 01)

Eu acho, sei lá, que desde a infância assim [...]. (HET 03)

Isso indica uma possível naturalização da sexualidade de ambos os grupos, destituída de um pensamento reflexivo *a priori* de si mesmo. Louro (1999) destaca que a

maioria das pessoas consideram que sexualidade é algo que se possui naturalmente. Pensar deste modo destitui de sentido identificar dimensões sociais, políticas, e da construção de uma sexualidade desconsiderando a possibilidade de escolha numa perspectiva Sartriana, pois, passa-se a ser algo inerente ao humano, uma essência de ser dada antes mesmo do contato deste com o mundo, antes da existência. Para Sartre isso está fora de cogitação, pois, “[...] A existência precede a essência” (SARTRE, 1987, p. 7) é necessário você existir e no contato com o mundo/outro se constituir dialeticamente.

HOM e HET ao falarem sobre o momento mais perceptível da orientação sexual referiram-se à adolescência:

[...] é foi mais na fase da adolescência, foi quando eu comecei mesmo a ter interesse por sexo e beijo, muito, foi muito, foi bem, fui muito questionado por mim mesmo assim. [...] mas quando mais aflorou foi na, ápice da adolescência mesmo, quando eu comecei, ali mesmo na puberdade. (HOM 03)

[...] tipo tem um crescente, a principio pela beleza, para depois, sexualmente falando, acho que a partir dos 14 anos mais ou menos, 14, 15 anos eu acho. (HET 03)

Fica evidente tanto na fala dos participantes HOM quanto dos HET que a adolescência é o período da vida onde a atração física e de desejo sexual aparecem mais fortemente. Entretanto, destaca-se que para os HOM além dos desejos sexuais e atração física, neste período foi um momento de questionamentos e de decisões sobre a própria sexualidade, percebendo-a como um “aflorar”. É presente também entre os participantes HET a ideia de que não houve um momento exato sobre a percepção da orientação sexual:

O momento exato eu não sei, eu nunca senti atração por homens então não sei dizer o momento exato. (HET 02)

Essa não localização de um momento exato de percepção da orientação sexual demonstra também uma possível naturalização da orientação sexual. No entanto, ao afirmar que isso se deve ao fato de que nunca sentiu atração por homens, implicitamente, sugere que pessoas homossexuais saberiam localizar um momento mais perceptível da orientação sexual e indica nas “entre linhas” à possibilidade de uma intencionalidade por parte dos

homossexuais de assim o serem. Tal intencionalidade somada à ideia de desvio pode levar a preconceitos, visto que está direcionada aos homossexuais e coloca a heterossexualidade como sendo de uma natureza humana. Esta percepção vai ao encontro dos achados de Scardua e Sousa Filho (2006) que, evidenciam que para os heterossexuais a homossexualidade é tida como ato intencional, onde há uma escolha, diferentemente dos homossexuais que percebem a sexualidade como natural.

Cabe aqui ressaltar, a partir de Sartre (1987), que as pessoas se constituem dialeticamente na história e nas relações com o outro. Muito embora os participantes HOM e HET tenham a percepção de que suas orientações sexuais estejam presentes desde a infância, possivelmente no processo de constituição histórica de si mesmos, tanto um grupo quanto outro teriam no “campo de possíveis”, possibilidades de constituição de suas sexualidades, o que desconstrói esta ideia de naturalização.

No que se refere à **Percepção dos familiares quanto à orientação sexual**, relacionam-se duas subcategorias que demonstram que os familiares participantes HET percebem esta orientação sexual com naturalidade/respeito e para os entrevistados HOM os familiares não aceitam suas orientações sexuais. Isto deixa evidente o problema da consonância com o padrão heteronormativo. Visto que na sociedade a orientação sexual “esperada” é o da heterossexualidade, foi unânime a percepção dos entrevistados HET de que a família considera “natural”, “normal” sua orientação sexual:

Normalmente! Não teve nenhum problema quanto a isso. (HET 03)

Connell et al. (1995) ao descrever de como a família é um espaço que “produz” pessoas, discorre sobre expectativas em consonância com padrões estabelecidos socialmente, “o que é comum em todas elas [organizações familiares] é que são em principio um exclusivo relacionamento sexual e doméstico entre um homem e uma mulher. [...] transportam para as crianças em crescimento este modelo de vida como a ordem natural e adequada das coisas”.

Quanto ao grupo de HOM, estes também informam que os familiares agiram com naturalidade/respeito para com a sua orientação sexual:

Super bem, nunca se foi muito discutido, mas sempre foi muito respeitado assim, principalmente da parte dos meus pais, sempre me respeitaram muito assim, muito

mesmo, sabiam da, das minhas escolhas, digamos assim, do meu jeito de ser [...].  
(HOM 03)

No entanto, isso não é o que se percebe no social. Há na Sociedade uma construção de gênero que determina a partir de aparatos fisiológicos aquilo que é considerado masculino e feminino, como se um fosse complementar ao outro. Esta concepção de gênero atravessa a cultura brasileira, e coloca a homossexualidade como sendo linear ao feminino. (BUTLER, 2003). A partir de Simone de Beauvoir (s/d apud BUTLER, 2003, p. 26), é possível compreender o gênero como uma construção social, mas destituído de relação com o sexo, com o fato de ser macho ou fêmea. No entanto, estas configurações de gênero passam a ser entendidas a partir de um discurso cultural, hegemônico e binário (homem e mulher) e são considerados como “língua da racionalidade universal”, onde além de haver uma superioridade masculina com relação ao feminino, este último é considerado o “que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa.” (ibidem, 2003, p. 31). Deste modo é possível compreender a negação da homossexualidade, ao passo que esta, encontra-se similarmente ao feminino e “fere” as expectativas da sociedade e da família. Ao encontro disso, HOM relataram que os familiares não aceitam a sua orientação sexual:

Primeiramente eu contei pra minha irmã e daí depois ela contou pros meus pais, e o primeiro momento foi mais difícil eles ainda estão em fase de aceitação assim, mas eles conversam comigo e tal, é, mas não aceitam totalmente, discutem muito assim, daí batem muito nesta tecla e, e acho que tem esperança que eu mude ainda, eles gostam de mim da mesma forma, mas ainda não aceitam esta, este fato. (HOM 02)

Ainda com relação à **Percepção dos familiares quanto a orientação sexual**, HOM 01 demonstra que os pais não aceitam a sua sexualidade por um pensamento religioso e biomédico, onde os mesmos propõem tratamentos para a homossexualidade como se esta fosse uma doença e/ou indicam que esta pode ser oriunda de possessão demoníaca. Segue:

E pro meus pais foi aquela, foi um processo inverso, ‘vamos tentar te tratar!’ ‘Vamos tentar te curar!’ A minha mãe é católica fervorosa, ‘não por que nós vamos rezar por que o diabo está no seu corpo! Por que não sei o que!’, sabe, então foi um conflito muito grande pra mim [...]. (HOM 01)

Tal falta de aceitação pode ser vista fundamentada na religião entre os homossexuais participantes. A percepção de que a prática homossexual é pecado surge a partir do ano de 1603 sob influência da Igreja Católica. (FERNANDES, 2004). Esta percepção aloca-se com o tempo para uma concepção onde a homossexualidade tida como um “desvio moral” passa-se a ser considerada como uma “anormalidade” nos parâmetros biomédicos, sendo que a heterossexualidade é o parâmetro de normalidade. (DIAS, 2011). Somente a partir da década de 1980 que a homossexualidade foi retirada do rol de padrões patológicos. (LIONÇO, 2009). Neste sentido, a posição de não aceitação dos familiares dos entrevistados, revela resquícios de um pensamento biomédico e religioso sobre a homossexualidade. O que se percebe é que em pleno ano de 2013, há uma resistência dogmática e religiosa que desconsidera a homossexualidade como sendo uma possibilidade de orientação sexual, a homossexualidade é ainda considerada um “desvio moral”, uma “anormalidade” que se assemelha ao pecado, partindo-se do pressuposto de que a heterossexualidade é o padrão adequado.

Na categoria **Origem da homossexualidade e heterossexualidade**, encontram-se cinco subcategorias, as oriundas da percepção dos participantes HET e HOM são: ausência de definição, biológico/natural e influência Religiosa, sendo que escolha e redes Sociais referem-se apenas às percepções dos sujeitos entrevistados HET.

Primeiramente, é perceptível que ambos os grupos se remetem apenas para homossexualidade e em nenhum momento para heterossexualidade. Pode-se pressupor com isso uma naturalização de um pensamento sobre a origem de uma sexualidade que não está nos padrões sociais. Há um pressuposto de uma representação binária e polarizada do gênero e do sexo, sendo homem e mulher ligadas, como categorias, respectivamente ao masculino e feminino, ao pensar na origem da homossexualidade e não da heterossexualidade é reafirmar e confirmar essa conjuntura. Louro (1997) ressalta que ter esta concepção de gênero não possibilita verificar a diversidade possível existente de homem, mulher, masculino e feminino. A autora ainda destaca que os homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como “outro e, usualmente experimentam práticas de discriminação ou subordinação.” (Ibidem, p. 48).

Entre HOM e HET participantes, há uma ausência de definição no que se refere à origem da homossexualidade. Sobre isso se destaca:

Ah! Eu acho assim que, não existe um por que, eu acho que o que a gente sente é o que é mais importante, acho que antes de discutir o porquê disso, eu acho que a gente tem que pensar que cada um tem que ser feliz da forma que é, simplesmente assim [...]. (HOM 02)

Não tenho definido, pra mim não está definido ainda, é um conhecimento que com o tempo vai surgindo novas ideias, novas teorias que explicam algumas coisas ou não [...]. (HET 01)

Embora os participantes HET e HOM tenham esta percepção de ausência de definição fica evidente que entre os participantes HET não explicitar *a priori* uma opinião sobre origem da homossexualidade se deve ao fato de haver muitas “teorias” em torno da causalidade da homossexualidade, diferentemente dos participantes HOM que se amparam na ideia de uma ausência de definição para justificar que a homossexualidade é algo do campo do “sentir” e das vivências pessoais, e deste modo remete-se para uma naturalidade da orientação sexual.

É unânime entre os HOM pensar a orientação sexual homossexual a partir de uma origem biológica/natural. É possível identificar este argumento a partir da fala de HOM 01:

[...] é uma coisa que já é inata nossa, eu acredito que isso venha já com algum, assim vamos pegar a palavra instinto [...].

Pressupõe-se que numa sociedade heterossexista é deveras comum que os homossexuais compreendam suas orientações sexuais como sendo algo natural, pois, afirmar o contrário seria predispor uma possível escolha e assumir de certa forma o peso que se é ser uma pessoa que se contrapõe a um padrão pré-estabelecido pela sociedade. É perceptível entre os entrevistados HET esta mesma visão de que a homossexualidade possui uma origem biológica e/ou natural:

É, o fato da existência? Então eu acredito que, não que seja uma questão de opção, mas, é uma questão de, eu acredito que seja coisa assim genética mesmo, assim, acho que o indivíduo ele não escolhe ser homossexual, eu acredito, acho que ele já vem assim com ele, é uma coisa fisiológica digamos assim, acredito que seja essa a diferença assim [...]. (HET 03)

No entanto, é presente também entre HET participantes a ideia de a homossexualidade ser fruto de uma escolha da pessoa.

Acredito que seja questão de escolha. (HET 02)

Estas duas percepções distintas entre os participantes HET relacionadas à origem da homossexualidade demonstram uma divisão de opiniões existente na sociedade mesmo entre pessoas que se consideram heterossexuais. Isso suscita em um questionamento: estaria a sociedade mudando a percepção com relação à homossexualidade? Além disso, o destaque pode ser dado ao que diz respeito à subcategoria influência religiosa. Esta se refere à percepção de participantes HOM e HET, sendo que, entre os sujeitos HOM o preceito religioso do espiritismo sustenta uma ideia de naturalização das orientações sexuais, diferente dos participantes HET que, a partir de uma lógica cristã, sustenta que a homossexualidade é uma fraqueza e/ou defeito carnal que deve ser vencida, indicando a heterossexualidade como referencia natural. Segue as falas:

Como uma palestra que eu tive agora quarta passada que teve uma psicóloga lá no centro espírita [nome do centro espírita] é que a gente, é que a gente já nasce, não tem como [...]. HOM 01

Então assim a religião já trata de uma outra maneira, achando que isso é só mais um fraqueza carnal e tu tens que vencer, assim como um homem que nasce com a tendência a ser desonesto e tem que lutar contra isso, ou qualquer tipo de defeito ou tendência carnal que a religião julga. (HET 01)

A religião e as crenças das pessoas são dimensões presentes na sociedade que formam e conduzem pensamentos, estes pensamentos podem ou não confirmar os padrões estabelecidos pela sociedade. Guareschi (2005) define as instituições religiosas como aparelhos ideológicos cuja função é a reprodução e manutenção das relações numa sociedade a partir de ideologias. No que tange a subcategoria redes sociais, HET participantes argumentam:

[...] e com o passar do tempo com aquilo que ele vai recebendo de informações eu acho que isso tende a ser mais explícito ou menos explícito assim. No sentido de você realmente assumir a sua vontade ou esse seu desejo pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto. Conforme esta carga que você tem, com é, das pessoas a sua volta e juntando aquilo que você realmente sente, eu acho que você consegue formar bem o quê que é ser heterossexual o quê que é ser homossexual, mais ou menos isso. (HET 03)

Esta fala evidencia uma perspectiva que considera o “externo”, a participação do “outro” como um dos determinantes para a “mudança” da orientação sexual. A partir de Sartre (1987), é possível compreender a dimensão antropológica de que se trata esta relação com “outro” e com o mundo, é na história que o homem se faz, e torna-se produto de um determinado tempo e espaço (temporalidade e materialidade), além da possibilidade de se modificar e ser modificado pela história (cultura), nela também se aliena. A partir desta premissa descarta-se a possibilidade de uma naturalização da sexualidade, pois não se pode afirmar a existência de uma natureza humana, o homem produto de uma determinada época e de suas leis dialéticas constitui-se subjetivamente no contato com a objetividade. A atribuição daquilo que é externo/social (objetivo) passa-se a ser subjetivado (interiorizado) constituindo-se a personalidade. Relacionado a isso Louro (1999, p.12) afirma que “é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais [...] essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais”. Neste sentido, é possível compreender este movimento de pensar a homossexualidade e a heterossexualidade enquanto identidade, como sendo também produto das relações com o mundo, com o “outro” e da apropriação (subjetivação) daquilo que lhe é mais objetivo (aspectos sociais).

A análise sobre o modo com que os entrevistados HOM e os HET entendem a origem da homossexualidade e heterossexualidade tem continuidade na **Percepção de sua orientação sexual**, sendo esta categoria, subdividida em duas subcategorias de análises, sendo que há uma percepção de ambos os grupos de a orientação sexual ser natural/normal, e ainda para HOM a necessidade de aceitar-se.

A **percepção de sua orientação sexual** para os participantes HOM e HET é vista como natural/normal. De acordo com os entrevistados HET e HOM, respectivamente.

É difícil responder esta pergunta, por que é tão natural pra mim hoje, tão natural, que quando eu vejo um casal de heterossexuais se beijando eu digo, nossa! Acho que por tudo isso assim o processo que passei, acho que é uma coisa natural. (HOM 01)

Bem, eu acho que é uma coisa natural, é o que a gente sempre vê na sociedade, é o que mais vê na sociedade, acho que é, a pra sociedade é algo que é o mais fácil hoje em dia e um pouco mais difícil para quem é homossexual, tem algumas barreiras as seguir e acho que, não sei, não tenho muito mais assim ah... Acho que é mais assim neste sentido! (HET 01)

No entanto, muito embora as percepções dos participantes HET e HOM caibam na mesma subcategoria natural/normal. Quando os entrevistados HOM fazem esta afirmativa, o que se percebe é que esta naturalização se deu no decorrer do tempo a partir de vivências pessoais, muitas vezes de preconceito com relação à sua orientação sexual, e de diferenciação e/ou comparação de uma norma heterossexista. Isto demonstra que, além da necessidade de uma reflexão de suas sexualidades, os participantes HOM passam e/ou possuem sentimentos onde localizam a necessidade de aceitar-se, que não há entre os participantes HET. Sobre isso se destaca:

[...] como eu falei tipo, teve um tempo de aceitação comigo mesmo, nesta fase de 11 anos, até teve um tempo de depressão e tal, que eu não entendia direito [...]. (HOM 02)

Entre os HET entrevistados, a naturalidade da orientação heterossexual é definida como o que se vê mais frequentemente no social. A partir de Georges Canguilhem (1904 – 1995) é necessário distinguir os conceitos de *norma* e *normal*. Para este autor, o conceito de *normal* se ampara na estatística/frequência e valores, ao passo que a *norma* seria a regra – que compreende em si mesma uma correção de algo a partir de uma imposição sobre uma existência. (CANGULHEM, 2002, p.211). Esta diferenciação é necessária para se compreender que aquilo que estatisticamente delineia uma média a partir de uma frequência, não deveria ser justificado para a criação de regras, normas. No entanto, a partir de Canguilhem (2002), é possível compreender que os valores (números), são utilizados como estratégias para que se qualifique uma norma. Pode-se compreender, deste modo, que a heterossexualidade tida como aquilo que se mais vê na sociedade, usufrui da lógica da média/estatística para valorar e impor-se como regra (norma) sobre outras orientações sexuais, deste modo, estaria a homossexualidade para a “anormalidade” ao passo que a heterossexualidade é considerada “normal”, no entanto, não seria justificável utilizar desta premissa para determinar a orientação sexual de modo a considerá-la como “certa” ou “errada”. O sentimento de pertencimento a um “lugar” que não diz respeito a estas

concepções de normalidade e normatização pode acarretar em sofrimento psíquico e social aos homossexuais, visto que são eles também, os considerados fora desta normatividade e normalidade, este “não lugar” muitas vezes os faz camuflarem-se, deste modo que a estatística apenas falseia uma ideia de maioria para os heterossexuais.

A categoria **Orientação sexual como uma possibilidade de escolha** está subdividida em duas subcategorias de análises, sendo: com relação à orientação sexual do outro relacionada aos participantes HET e com relação a sua orientação sexual para os participantes HOM.

Sobre a subcategoria com relação à orientação sexual do outro. É perceptível entre os entrevistados HOM e HET, a ideia de uma impossibilidade de “escolha” para orientação homossexual. Nota-se que a esta impossibilidade de escolher, está ligada a ideia de uma natureza humana, onde a pessoa “nasce” com a orientação sexual. Ilustra-se isso a partir das seguintes falas:

No meu caso não foi escolha, por que eu nasci assim e nunca tive um outro tipo de sentimento.[...]. Então eu acredito que não, que no meu caso não foi uma escolha. (HOM 02)

Acredito que não, eu acho que a pessoa ela não escolhe se ela quer ser homossexual ou heterossexual, eu acho que ela já nasce com isso, é acho que não cabe a mim dizer se existe algum erro de genética ou não, mas acredito que ela já nasce, e, então é, inerente dela, eu acho que ela não escolhe, ela nasce e aos poucos conforme ela vai crescendo ela vai se descobrindo esta vontade, vai surgindo esta vontade e ela se descobre heterossexual ou homossexual, acredito que seja mais ou menos assim. (HET 03)

No que se refere à categoria **Definição de escolha**, esta foi subdividida em três subcategorias, HET e HOM entrevistados localizam que esta definição pode ser a partir de duas possibilidades, pelo fazer da maioria e por consciência do que se escolhe. Sobre a definição de escolha ser desvelada a partir da premissa de duas possibilidades HOM e HET entrevistados destacam:

Escolha é eu poder, optar uma preferência, eu posso escolher ou branco ou preto, posso escolher uma maçã a uma pera [...] (HOM 01)

Escolha em Geral, quando se conhecem os dois lados e opta. Acredito que pra mim é essa a definição [...]. (HET 01)

Verifica-se a partir disso uma noção de escolha pautado no senso comum tanto para os participantes HET quanto para HOM. Ao considerar a escolha a partir desta perspectiva, não seria cabível fazê-la valer para orientação sexual, pois, além de desconsiderar o campo de possibilidades existentes, desconsidera ainda as dimensões humanas existentes (ontológica, antropológica e psicológica). A partir de Sartre (1987) afirmar uma escolha, necessariamente, deve-se considerar as dimensões humanas. A dimensão ontológica seria o estabelecimento da relação com o “outro” (pessoas e coisas), a antropológica com a cultura e aspectos sociais dados num determinado tempo (temporalidade) e espaço (materialidade) e por último a dimensão psicológica que é constituída considerando as outras dimensões e formando o que se pode chamar de personalidade – aquilo que é de mais subjetivo na pessoa (gostos, comportamentos, desejos).

Outra noção de escolha apresentada no relato dos participantes HOM e HET é que, ao exemplificarem a escolha, consideram-na a partir do fazer da maioria:

[...] Como tem gente que gostaria de estar numa área e às vezes acaba trabalhando em outra, às vezes é dado escolha e às vezes não, na profissão seria também um exemplo de escolha, eu acho que a pessoa às vezes opta por dinheiro ou pela satisfação de estar trabalhando no que gosta [...]. (HOM 02)

[...] já algumas pessoas que eu conheço de amigos que vão na igreja, eles nasceram de pais que vão na igreja, então eles sempre foram na igreja desde bebês, então eles cresceram e ouvindo as palavras dos pais de que aquilo era verdadeiro. (HET 01)

É possível que, este posicionamento acerca da definição da escolha a partir do fazer da maioria, demonstra um padrão cultural instituído, de que não sejam necessárias reflexões sobre as ações (escolhas) humanas. Isso indica que estas são em sua maioria alienadas ao contexto e/ou aos padrões culturais. Sartre (1987) ilustra que o homem se constitui na história e nela se aliena, no entanto, mesmo que não haja uma reflexão crítica reflexiva das ações que o homem desempenha no mundo, não se pode refutar a ideia de que este realiza escolhas e se escolhe, pois, não se é necessário ter uma compreensão clara das escolhas para afirmar que estas são escolhas. (SARTRE, 1987).

É possível que a pessoa possa chegar num nível de compreensão sobre si mesmo ao ponto de avaliar as possibilidades existentes e estabelecer escolhas de maneira reflexiva. A partir de uma consciência que considera os desejos pessoais, as questões internas, os gostos e os posicionamentos críticos, de modo a fazer algo daquilo que se fez a seu respeito (SARTRE, 1987), cabe ressaltar que mesmo não tendo esta consciência que tira a pessoa da alienação ainda assim, a pessoa é resultado daquilo que faz de si mesmo. A opinião que mais se aproxima desta concepção Sartriana diz respeito a subcategoria consciência, onde os sujeitos entrevistados HOM e HET exemplificam esta possibilidade de pensar a escolha:

[...] também isso é uma escolha, no momento que tu depara com caminhos, possibilidades, e aí então tu vai refletir e vai, sentir ou achar que aquilo também é mais seguro, ou que tu sentes melhor ou que tiver mais conveniente. Nem sempre aquilo que tu acredita é o que tu escolhe, tem muita gente que escolhe aquilo que é mais conveniente. Então acredito que a partir daí vem à escolha então, quando tem o conhecimento dos caminhos e não daquilo que é imposto. (HET 01)

Sartre (1987) discorre que, a pessoa é livre, e ser livre significa não ser possível deixar de fazer escolhas. É a partir das escolhas (ações que a pessoa desempenha no mundo) que o sujeito constitui-se dialeticamente e delinea o seu projeto e torna-se responsável pelo seu futuro. Na medida em que desempenha suas escolhas, o “outro” também é afetado por estas. Portanto, escolher predispõe todas as experiências do campo dos possíveis da subjetividade humana, e estas possibilidades tornam-se vieses para que a pessoa se constitua singularmente.

Há diferentes percepções de homossexuais e heterossexuais referentes às escolhas enquanto possibilidades de posicionamento frente suas orientações sexuais. Contudo, os participantes HOM e HET não conseguem perceber a dimensão da escolha de suas sexualidades, indicando que as mesmas são inatas ou naturais. Este posicionamento de ambos os grupos pode estar ligado ao fato de que se ancoram numa perspectiva de escolha que considera apenas duas possibilidades. Deste modo, não se teria mesmo como “tecer” uma noção de escolha para sexualidade, ao passo que ignora todos os aspectos da dimensão humana (biopsicosocial) enquanto possibilidades do campo para que se efetive uma escolha como a perspectiva Sartriana indica.

A afirmativa de orientações sexuais “naturais” para os HOM pode ser um modo de esquivarem-se das manifestações preconceituosas, de afirmarem-se na busca da aceitabilidade de suas orientações sexuais, e garantirem uma possível simetria à orientação

heterossexual, visto que esta é norma na sociedade ocidental. Para os HET entrevistados, a orientação sexual inata, é um meio de reafirmarem a heterossexualidade como norma, já que indicaram em seus discursos terem uma representatividade maior na sociedade em relação à homossexualidade. A partir disso, é possível compreender que a naturalização das sexualidades é um modo de HET e HOM esquivarem-se da responsabilidade das consequências que se é afirmar uma escolha. Pois, se HET afirmam a prevalência de uma escolha de suas orientações sexuais, possibilitariam que a norma heterossexista seja exaurida e abrir-se-iam possibilidades da diversidade sexual, ao passo que para HOM, esta possibilidade traria mais sofrimentos do ponto de vista psicológico, já que se constituem num contexto que os discriminam, negam, segregam e excluem.

Ademais, a percepção de uma sexualidade inata, de certa forma, traz conforto às pessoas, pois, não se têm o peso da escolha. Essa afirmação vale para quaisquer âmbitos da vida humana, já que escolher significa também, responsabilizar-se pelas consequências. No entanto, como bem afirmou Sartre (1987) não se têm como deixar de escolher, não escolher já é uma escolha, e muitas das ações humanas são alienadas ao processo histórico e cultural e em que estão submetidas. Ressalta-se ainda que, a perspectiva Sartriana considera as dimensões constituintes do ser humano, ontológica, antropológica e psicológica para, a partir disso, compreender as ações humanas enquanto escolhas.

### 3.2 IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS

Neste subcapítulo buscar-se-á apresentar a partir das falas de homossexuais (HOM) e heterossexuais (HET) aspectos constituintes de suas sexualidades ligadas ao gênero e sexualidade. Para tanto, o presente subcapítulo aborda 02 categorias e 09 subcategorias de análises. Estas, em sua maioria, dizem respeito às percepções dos participantes HOM e HET, no entanto, na medida em que a subcategoria for oriunda apenas de um grupo isso será evidenciado na análise.

No que tange à categoria **Atividades ligadas ao sexo e gênero**, esta se subdivide em cinco subcategorias que demonstram as percepções dos participantes HET e HOM relacionadas a divisão de atividades presente na sociedade conforme sexo e gênero. Estas percepções demonstram fatores de identificação na medida em que os ambos os grupos evidenciam atividades independente do sexo, características familiares, características

culturais, características biológicas e privações de atividades. Os HOM evidenciam ainda atividades ligadas ao desenvolvimento infantil.

Percebe-se nas falas dos entrevistados HOM e HET, em relação à subcategoria independente do sexo que, as atividades como jogos, brincadeiras infantis e profissões não deveriam estar relacionadas ao fato de uma pessoa ser homem ou mulher e sim pela identificação da pessoa pelas atividades que desempenha:

[...] e eu acho que não existe a distinção, como existem mulheres que jogam [futebol] hoje em dia, que tão buscando o seu espaço, então, eu acredito que os dois sexos podem desempenhar as funções, da mesma forma, sem deixar de fazer um bom trabalho, acredito que não haja distinção. (HOM 02)

[...] mas eu acredito pra mim indifere sabe, eu acho que tem fazer aquilo que te deixa melhor, que te faz feliz, que te faz bem, independente [se for homem ou mulher]. (HET 01)

Estas opiniões entre os participantes HET e HOM, acerca da divisão de atividades existentes na sociedade para homens e mulheres como sendo independente do sexo, demonstram conquistas dos movimentos feministas e LGBTs. No entanto, muito embora essas percepções existam, ainda são presentes na Sociedade Ocidental as divisões de tarefas, jogos e profissões ligadas ao sexo e ao gênero, estas divisões estão a favor de se manter a premissa de uma subordinação de sexo e gênero, onde o homem e o masculino são hierarquicamente predominantes em relação à mulher e ao feminino. Louro (1999) indica que essas práticas existentes na sociedade constituem os sujeitos femininos e masculinos e produzem “marcas” nas histórias de vidas das pessoas, marcas que determinam os modos de ser e parecer de homens e mulheres sob o investimento e vigilância de várias esferas do cotidiano e da constituição humana, a família, a escola, mídia, igreja, as leis, aparecem de maneira articuladas e reiteram práticas hegemônicas que “subordinam, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 1999, p.25). A autora complementa afirmando que a formação de homens e mulheres é um processo plural e permanente, deste modo, as próprias pessoas possuem participação ativa sob as suas constituições. Se por um lado há as múltiplas esferas corroborando para práticas hegemônicas e de subordinação, por outro, há a participação da própria pessoa para o seu autodisciplinamento e conformidade com estas práticas.

Sobre as características familiares relacionadas às **atividades ligadas ao sexo e gênero**, participantes HOM e HET indicam que em suas vivências familiares não houve distinção de tarefas e/ou atividades destinadas para homens e mulheres:

Não, sempre foi muito dividido, tanto homem, que geralmente dizem que, geralmente é dito de mulheres, serviço que é de mulheres fazer, lavar roupa, ou cuidar de casa, mas na minha casa sempre foi muito, muito dividido assim, sem distinção entre coisas de meninos e de meninas fazerem. Têm só eu e meu irmão, e a gente ficava mais, a gente fazia tudo, tudo mesmo. Sem, não tinha divisão. (HOM 03)

[...] A gente sempre dividiu, até hoje ajudo, a gente ajuda nas tarefas, hoje ela [mãe] tem um problema sério de saúde por ter trabalhado a vida inteira na faxina e eu ajudo bastante, procuro ajudar na medida do possível! Por que é bem corrido trabalhar e estudar e fazer mil coisas, mas sempre que eu posso eu ajudo ela no serviço doméstico. (HET 01)

Connel (1995) afirma que aquilo que é estabelecido historicamente está sujeito a mudanças, e que a ideia de que os homens são aqueles que ganham o pão e as mulheres aquelas que cuidam da casa são noções convencionais de gênero que estão em modificação. O autor destaca que estas mudanças são produtos dos últimos três séculos aproximadamente, portanto, são ainda muito recentes na história ocidental. No entanto, é necessário uma ressalva, muito embora os entrevistados HET e HOM tenham a percepção de que não houve a distinção de **atividades ligadas ao sexo e gênero** nas características familiares. É perceptível em seus discursos uma divisão, pois, do mesmo modo que HOM 03 afirma a não existência de uma divisão de atividades na família por meio da justificativa de uma necessidade de assim o ser, visto que eram dois irmãos, HET 01 justifica esta não divisão devido aos problemas de saúde da mãe e ainda localiza que sempre que pode contribui com os afazeres domésticos. Implicitamente, tanto os entrevistados HET quanto os HOM indicam a divisão existente na família e na Sociedade sobre atividades que são destinadas para mulheres e homens. Deste modo pressupõe-se ainda a existência de um pensamento onde o espaço e as atividades domésticas são predominantemente “gerenciadas” pelas mulheres ao passo que os homens possuem atividades externas ao lar e são os mantenedores deste. Isso demonstra o quanto estas noções de gênero ainda são presentes na história e constituem pessoas.

No que se refere às características culturais, HOM e HET participantes, além de perceberem um processo de mudança no que se refere às atividades ligadas ao sexo e gênero,

localizam fatores culturais que ilustram noções de gênero sobre estas atividades. Verifica-se isso a partir das seguintes falas:

[...] eu acho que tem toda uma questão social assim, as mulheres mais em casa, os homens mais no trabalho, na cidade, por exemplo, eu acho que hoje é, eu acho que hoje em dia está bem diferente, e as mulheres estão buscando o seu espaço também, então, ou até o inverso, o homem fica em casa e a mulher sai pra trabalhar [...]. (HOM 02)

Bem ah, a gente vive ainda bastante preconceito da sociedade com relação a isso, tive o exemplo em casa, uma das minhas irmãs ela sempre jogou muito futebol e sempre ligada a artes marciais, quase participou em um campeonato a nível de estado, então, e este tipo de esporte traz uma estrutura pro corpo mais rígida, uma postura não tão feminina e a sociedade acaba meio que tendo pré conceito, ela sofreu um pouquinho de preconceito na época, não muito forte, mas sofreu um pouquinho de preconceito, hoje é casada tem filhos, é bem resolvida sexualmente, se define como heterossexual. (HET 01)

HOM e HET demonstram padrões de comportamentos para homens e mulheres, esperados pela sociedade. Isso revela construções de gênero e sexualidade presente na sociedade. O que se percebe é que as características culturais pertencentes ao gênero *feminino* dizem respeito a um determinado sexo [mulher/menina] e revela uma associação direta a um “modo de ser” delicado, intelectual, reflexivo e atencioso. Diferente do gênero *masculino*, pelo qual o “modo de ser” esperado é rústico, parrudo, agressivo, e o corpo rígido e forte associado também a um determinado sexo [homem/menino]. Louro (p. 27, 1999) destaca que “as coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação”, a autora ainda afirma que na constituição da sexualidade e gênero de homens e mulheres, mesmo que não seja evidente e consciente, há uma disposição de investimento contínuo para se manterem nestes padrões e determinarem suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ as suas sexualidades e gêneros.

Ainda em relação às **atividades ligadas ao sexo e gênero**, o que se percebe é que na sociedade há uma relação das construções de gênero com as características biológicas. Sobre esta subcategoria, é perceptível nos discursos dos entrevistados HOM e HET, um pensamento recorrente de que algumas atividades são destinadas aos homens devido a fato de exigirem força física, sendo esta uma característica associada ao masculino. Para ilustrar isso se destacam as seguintes falas:

[...] por exemplo, serviços profissões, que exijam força, sabe-se que o homem tem mais força que a mulher então, tem este tipo de profissão que é mais, como se diz lá no Mato Grosso, bruto, rústico e sistemático, são profissões que exijam força física [...]. (HOM 01)

[...] eu acredito que cientificamente foi comprovado que o homem tem mais força e a mulher tem mais flexibilidade, mas não impede que um homem tenha tanta flexibilidade quanto uma mulher e uma mulher tenha tanta força quanto o homem, isso é questão de treino. [...] porém, pode ser feito esta separação por acreditarem que determinado local não exista uma mulher forte, ou não exista uma mulher tão forte quanto o homem, então é separado para melhor atuação no caso dos dois. (HET 03)

Há evidências de ideais de homem e mulher ainda presentes na Sociedade, pois na medida em que se afirmam práticas e atividades como jogos, profissões que exijam força física seriam pertencentes aos homens e ao gênero masculino, se afirma nas “entre linhas” que outras atividades que não denotam estas características seriam “destinadas” as mulheres e ao gênero feminino. A partir desta lógica, se mulheres se interessam por atributos ligados a força física e/ou homens se interessarem por outros esportes como dança e balé poderiam ser alvos de preconceitos sociais por não estarem em conformidade com os padrões pré-estabelecidos, isso pode ser oriundo de uma percepção de sexo e gênero existente no social. Para Butler (2003) as concepções de sexo e gênero devem ser problematizadas, ao passo que tanto um quanto outro cristalizam-se em ideais sociais arraigados de significados, o sexo que estaria ligado ao biológico passa a ser visto como sendo anterior ao gênero que são os construtos culturais do que se é considerado masculino e feminino, no entanto, segundo a autora o próprio sexo pode ser visto como uma construção social cheio de significações que de algum modo não dá conta de explicitar em si mesmo seu significado sem atrelá-lo a uma noção de gênero.

Referente à subcategoria privação de atividades, nota-se que num primeiro momento os participantes HET e HOM consideram não haver presenciados restrições de atividades ligadas ao sexo e gênero:

Não, nunca presenciei. Muito bom por que eu não ia gostar de ver, também não teria o por que qualquer coisas se destinar a menina ou menino, eu nunca vi nenhum tipo de repressão assim, acho legal eu não ter visto, mas que existe, existe [...]. (HOM 03)

Não, não que eu me lembre. Eu acho que é uma babaquice. (HET 03)

No entanto, é perceptível que esses argumentos modificam-se visto que os entrevistados HET e HOM evidenciam privações de atividades ligadas ao sexo e gênero. Para demonstrar isso segue as seguintes falas:

[...] na época de escola, to lembrando de uma aula de Educação Física tinham duas meninas colegas minhas que queria jogar futebol e não puderam por conta de serem meninas. (HOM 01)

[...] minha sobrinha, ela começou... Ela tem problemas com obesidade, ela é bastante ansiosa, ela começou a fazer aulas de artes marciais, por que os pais colocaram pra ela algumas opções como balé, dança, algumas coisas que meninas normalmente gostam, e ela não se interessou por nada disso, ela se interessou por artes marciais, [...] e os pais por puro preconceito tiraram ela. (HET 01)

O que se percebe a partir destas privações de atividades são construções sociais determinantes de um conjunto de símbolos pertencentes ao gênero masculino e feminino. Estes símbolos atuam como controles dos comportamentos humanos e revelam um padrão social que ignora os sentidos subjetivos que a pessoa possui em relação a estes. É notório que isso está associado a um ideal hegemônico de sexualidade, onde jogos, profissões, brincadeiras infantis passam a ser vistas com uma conotação sexual que localiza determinado gênero, e “produz” homens e mulheres. Louro (1997) afirma que na sociedade existem práticas que são consideradas do gênero masculino e feminino. Como estes são associados a um determinado sexo biológico pela sociedade, quando alguém possui o desejo de realizar práticas que não dizem respeito ao seu gênero e sexo (aos olhos da sociedade), este será considerado “desviante” da norma e aprenderá que os seus desejos não são “normais”. A autora destaca ainda que este pensamento é recorrente e que se insere nas subjetividades das pessoas, ao passo de uns vigiarem/controlarem os comportamentos de “outros” e/ou provocarem o silenciamento ou a não manifestação dos desejos, se estes não estão em conformidade com a norma.

No que tange ao desenvolvimento infantil, somente os HOM relatam que quando crianças realizavam atividades que eram considerados como pertencentes ao gênero feminino ou para as meninas. Destaca-se isso a partir da fala de HOM 01:

[...] um menino na minha época, brincar de casinha era pra menina, jogar futebol é para meninos, é uma coisa assim bem diferenciado, só que, por exemplo, por eu não gostar de futebol, e daí eu tinha um coleguinha que tinha feito uma cirurgia cardíaca e também não podia fazer esforço físico, então eu e ele brincávamos com as meninas de casinha, os meninos chamavam a gente de bichinha, os gaysinhos as bichinhas e tal, mas, eu me sentia bem ali, uma que eu não gostava de futebol e outro na brincadeira de casinha, na hora que de brincar de boneca, uma coisa que eu nunca gostei foi brincar de boneca, nunca tive paciência para isso, mas era aquela coisa assim, eu era o papai ou eu era o filhinho.

Relacionado a isso, está a ideia de haver jogos e brincadeiras infantis pertencentes uns a meninas e outros à meninos. Um menino geralmente é privado de brincar de boneca ou casinha, visto que isto é socialmente aceito como sendo pertencentes ao feminino. Assim, os meninos que se identificam com estas brincadeiras sofrem preconceitos e isso se torna evidências para uma possível orientação homossexual. Esse preconceito é inserido na vida das crianças e podem ser “marcas” que levarão do seu desenvolvimento infantil para a vida adulta. Isso é nada mais que o “olhar” do adulto inserindo os seus sentidos sobre as brincadeiras infantis, o significado e o sentido que os jogos possuem para as crianças não possui a conotação sexual que os adultos atrelam. Louro (1999) afirma que estas percepções resultam em preconceito que se inserem na vida infantil de tal modo que “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas, gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. (LOURO, p. 29, 1999).

Quanto à categoria **Ambientes e sexualidades**, esta se subdivide em três categorias de análises, onde os participantes HOM destacam a existência de lugares destinados ao público GLBTS e ambientes onde o acolhimento é fundamental devido a orientação sexual. HET e HOM evidenciam ambientes considerados heterossexuais.

No que se refere a ambientes GLBTS, os HOM entrevistados demonstram a existência de casas noturnas, bares destinadas ao público homossexual. Demonstra-se isso a partir da fala de HOM 02:

É alguns lugares são destinados a este público, outros lugares acabam se adaptado, com a presença de muitas pessoas homossexuais. [...] é eu acho que o negócio, tipo balada e tal, acaba sendo um negócio, que eles acabam entrando nessa, tipo, focando nisso, tentando ter o respeito ao diferente [...].

A existência de lugares destinados ao público GLBTS, evidenciado pelos HOM, demonstra o quanto ainda há uma divisão dicotômica na sociedade entre heterossexuais e homossexuais. Isso pode estar relacionado com uma cultura que é heterossexista, onde a existência de lugares destinados a este público camufla suas existências visto que a orientação sexual mais aparente em qualquer ambiente ainda é a heterossexualidade. No entanto, não se pode ignorar que os ambientes GLBTS são formas de sociabilidade dos homossexuais e se inserem na vida destes como espaços onde suas sexualidades são respeitadas possibilitando identificação. Córdova, Lago e Maluf (2010) afirmam que os espaços urbanos, onde as pessoas transitam e convivem, são também desenhadas pelas orientações sexuais e desejos de seus habitantes, ressaltam certa permissividade nas grandes cidades aos homossexuais manifestarem suas sexualidades e indicam a partir de Céli Pinto (1992, *apud* CORDOVA; LAHO; MALUF, 2010, p. 261) que o “gueto” homossexual pode ser também forma de sociabilidade que proporciona conforto e prazer por estas pessoas estarem “entre iguais”.

Entre os HOM evidencia-se a necessidade de frequentarem ambientes onde tenham acolhimento e não sejam discriminados por conta de suas orientações sexuais. Isso fica evidente na fala de HOM 02:

[...] claro que a gente não procura lugares que a gente seja discriminado, alguma coisa assim. Tipo a minha família, eu gostaria de levar o meu companheiro e, acabei ainda não levando por que eles não aceitam, então, tanto que ele nunca frequenta a minha casa, por causa disso, e eu acabo indo sozinho, é um lugar que digamos assim, ainda não é bem aceito, então é isso, lugares que agente se sintam bem acolhido, bem recepcionado, não tenha nenhuma discriminação. (HOM 02)

Esta percepção de acolhimento e respeito da orientação sexual é evidenciado apenas por HOM. Isso além de demonstrar o quanto a Sociedade ainda resiste a homossexualidade, denota o sofrimento que os homossexuais possuem nas suas constituições históricas ao serem muitas vezes desrespeitados e alvos de preconceitos. Neste sentido, não é de se espantar que homossexuais prefiram lugares onde suas sexualidades sejam reconhecidas e respeitadas. Kern e Silva (2009) afirmam que, numa sociedade onde valores heterossexuais são frequentes, as pessoas que vivem uma orientação homossexual muitas vezes vivem uma identidade camuflada, por conta do preconceito existente nos vários âmbitos sociais como a família, a escola, o trabalho e nos grupos sociais.

É presente também entre as falas dos participantes HOM uma evitação por ambientes considerados heterossexuais. Percebe-se isso a partir da seguinte fala:

[...] mas nesta ligação com a sexualidade, é por que estes [ambientes heterossexuais] são locais que um homem quanto mais mulher pegar é o melhor, é o garanhão, é uma coisa que eu me afasto, por que eu acho que se tu está afim de alguém fica com a pessoa e deu, não ficar com aquela pegação descabida, não acho isso bacana [...]. (HOM 01)

Para os participantes HET evidentemente a preferência é por ambientes heterossexuais, onde os frequentadores em sua maioria são heterossexuais. Segue a fala de HET 01 sobre isso:

Eu, apesar de não ser preconceituoso, eu me sinto mais a vontade em lugares que tem mais héteros do que homossexuais, talvez por algumas situações que eu possa evitar. E até pela questão mais prática [...]. Assédio! É, por conta dos homossexuais, e situações que eu poderia, que são mais práticas pra um hétero tá num ambiente hetero é que a maioria[...] em geral das mulheres seriam também héteros, então, se eu vou pra um lugar alternativo, a maioria das mulheres não seriam héteros.

É visível, tanto na percepção dos participantes HOM quanto de HET sobre os ambientes considerados heterossexuais, que há nestes ambientes uma conotação de gênero masculino onde este deve “pegar” mulheres. É possível que esta percepção esteja atrelada com uma noção de gênero onde a virilidade e o desempenho sexual é parte da constituição masculina. Sobre isso Mota (1998, p. 151) afirma que “há a representação social de homem que é homem deve ser bom pai, bom marido, bom trabalhador, e deve desempenhar bem o papel sexual” e isso traz uma consciência daquilo que se é considerado masculino na Cultura Ocidental, que se configura por meio do trabalho e do sexo.

A partir dos dados analisados neste subcapítulo, observam-se inscrições subjetivas de gêneros e sexo na constituição da homossexualidade e da heterossexualidade. Esta subjetivação, a partir do relacionamento com os aspectos culturais e subjetivos, como indica Sartre (1987), são as possibilidades que a pessoa encontra constituintes do projeto-de-ser. No entanto, cabe ressaltar que tanto o sexo quanto o gênero são atribuídos por símbolos sociais e culturais, neste sentido, não há como afirmar a existência rígida e pura de uma masculinidade e feminilidade, o que se pode perceber é que na singularidade humana, estes atributos constituintes da sexualidade podem assumir diferentes “formas”, o que indica que se devem pluralizar gêneros e sexos sinalizando para sexualidades ao invés de sexualidade.

O que se verifica é que a manifestação da sexualidade encontra diferentes formas e sentidos de acordo com o tempo e espaço em que estão submetidas. Nesse sentido, nota-se

que a demarcação de símbolos de gêneros e sexos associados a ambientes considerados GLBTS e/ou Heterossexuais, são criações sociais que denotam diferenciação entre padrões considerados “normais” e “anormais”, tal qual indicaram Chauí (1984) e Giddens (1993) sobre ser relacionada aí a repressão sexual

A homossexualidade e heterossexualidade podem também serem entendidas no plural. Ambas as orientações sexuais são “produtos” de um contexto que indicam a prevalência de uma norma heterossexista. Esta norma é aspecto constituinte da subjetividade humana, independente da orientação sexual. Deste modo, as inscrições de gêneros e sexos estão presentes em quaisquer orientações sexuais, não há como predizer que heterossexualidade está para o masculino, assim como a homossexualidade está para o feminino. Mais profundamente, não seria possível predizer a existência de um modelo masculino e feminino, homossexual e heterossexual, embora seja evidente uma representação social disto, o que há, são construções sociais acerca de uns e outros, então, é ingênuo afirmar puramente a existência de gênero e sexualidade, visto que o ser humano é singular na sua constituição.

### 3.3 TERMINOLOGIAS REFERENTES ÀS SEXUALIDADES DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS COMO CONSTITUIDORAS DE SUBJETIVIDADES

No presente subcapítulo serão abordadas as diferentes percepções de Homossexuais (HOM) e Heterossexuais (HOM) referentes às terminologias utilizadas como identificadoras da sexualidade humana. Além disso, será perceptível o quanto as definições das sexualidades são formas de categorizações que acarretam em divisões e preconceitos na Sociedade. Para tanto, estabeleceu-se 05 subcategorias, subdivididas em 17 subcategorias de análises. Destaca-se que a maioria das subcategorias estão relacionadas aos participantes HOM e HET e quando corresponder apenas a um dos grupos isto será evidenciado na análise e discussão.

A Categoria **Terminologias das orientações sexuais** se subdivide em quatro subcategorias de análises, e demonstram na percepção dos participantes HOM e HET que as terminologias são formas de classificações e de adequação a uma identidade sexual. HOM ainda reforçam que as terminologias podem ser formas de identificação e compreensão de suas sexualidades, ao passo que para os HET estas também correspondem a uma tecnicidade do ambiente acadêmico e científico.

Referente às classificações, os entrevistados HOM e HET afirmam que as **Terminologias das orientações sexuais** como: heterossexuais, homossexuais, bissexuais e outros, são meios de rotular/classificar as pessoas a partir de estereótipos e apontam ainda que isso pode servir como uma forma de exclusão e divisão no social. Para ilustrar isso se destacam as falas:

É eu acho que acabou se criando rótulos, acho que serve pra distinguir mesmo, serve pra distinguir e, mas acho que somos todos iguais, acho que isso foi uma forma de lidar com o diferente. Acho que acabou se criando isso, mas acho que serve como forma de exclusão também, de distinguir. [...]. (HOM 01)

A gente ainda não tá muito preparado assim pra estas terminologias eu acho que elas ainda estão muito carregadas de preconceitos, então quando você fala 'ah fulano é hetero ou fulano é homo', acho que quando você fala isso vem, têm toda uma carga de pré conceito em cima disso [...]. Eu acho que isso tende a haver uma separação uma segregação de grupos e, até onde eu conheço assim este tipo de separação não é muito boa, então, eu acho que não deveria ter assim estas designações, ser hétero ser homossexual. (HET 03)

Dessunti (2008) afirma que as diferentes terminologias empregadas para as sexualidades são conceitos que além de diferenciarem comportamentos, estão carregados de estereótipos. Sobre isso Plummer (1981, *apud* Louro, 1999) afirma que as categorizações e o processo de formação de identidade a partir destas, podem controlar, restringir e inibir, mas simultaneamente oferecerem conforto, segurança e confiança de pertencimento a uma identidade. Com as categorizações das pessoas em rótulos e classificações, perde-se o sentido da diversidade subjetiva das sexualidades e essencializam-se os comportamentos humanos a partir de novos padrões/normas, visto que por esta lógica, a pessoa necessariamente será enquadrada numa categoria.

Aparece em falas do grupo de HOM a adequação das **terminologias das orientações sexuais**, este grupo percebe que termos como 'homossexual' e 'gay' são adequados na medida em que designam uma orientação sexual para o mesmo sexo, no entanto, reivindicam que o termo está ligado apenas ao desejo sexual, e que enquanto pessoa existem outras características que deveriam ser notadas, mas que são encobertas por conta da orientação sexual.

Sim eu me considero homossexual. Isso eu acho que só na questão de sexualidade mesmo, eu penso da seguinte forma, por exemplo, num ambiente novo, num ambiente de trabalho, eu gostaria que as pessoas me conhecessem primeiro o jeito que eu sou, e eu acho que é só uma parte de mim a homossexualidade. Eu acho que tem todo uma pessoa, então eu acho que eles podem se focar só nisso. Eu acho que tem muito mais do que a sexualidade, então eu acho que, me representa de certa forma, uma parte de mim e não o todo, acho que é isso. (HOM 02)

Quanto aos participantes HET, ao falarem sobre a adequação referente às **terminologias das orientações sexuais**, demonstram opiniões que convergem e ao mesmo tempo divergem entre si, visto que o termo heterossexual é considerado adequado por todos para designar a orientação sexual, mas também inadequado por parte do grupo por conta de gerar divisão e discriminação na sociedade:

É pelos padrões da sociedade eu me considero heterossexual, mas eu não sei se este é o termo certo pra me chamar, eu to meio que dividido assim, uma divisão, não sei até onde isso seria bom ou ruim. Eu acredito que não [seja adequado] por causa desta divisão [...]. (HET 03)

É verificável, a partir das falas dos entrevistados HET e HOM, uma percepção de pertencimento e adequação a uma das categorias sexuais existentes, no entanto, há também uma perceptível divisão e desaparecimento da pessoa humana em suas diferentes relações com o mundo ao referirem-se as sexualidades a partir das terminologias empregadas a estas. Para Louro (1999) as terminologias homossexuais e heterossexuais abarcam uma diversidade histórica de identidades, estas identidades podem ou não estar em acordo com os estereótipos normativos da sociedade, portanto, é na sociedade que se detém o sentido a estas terminologias. Indica ainda que muitas práticas entre homens não são consideradas homossexuais e não afetam o sentido de si próprio de alguém, o sentimento de pertencimento a um grupo ou outro, está para além da atividade e desejo sexual, é necessário “algum tipo de espaço social ou rede que dê sentido às necessidades individuais”. (LOURO, p. 69, 1999).

Os HOM evidenciam que, as **terminologias das orientações sexuais** podem servir para que as pessoas tenham compreensão das suas sexualidades e as dos outros. Sobre isso se destaca:

[...] eu acho que é uma coisa assim, pra ti dizer: ‘não, eu sou hétero, eu sou gay’, para as pessoas que muitas vezes gostam de ti, num convívio, pra se apresentar, como a gente se mostra, a gente se mostra nestas classificações [...]. (HOM 03)

Neste sentido, em meio a tantas categorizações existentes, ser Homossexual numa sociedade catalogadora de sexualidades, sob o predomínio de uma norma heterossexista, é predispor um estereotipo que por sua vez passa a ser padronizado. A partir disso, o que se percebe é que a sociedade se imbrica em rótulos para sexualidade e perde-se de vistas as várias possibilidades da sexualidade humana e de ser humano. Ademais, há uma predisposição de a pessoa enquadrar-se para compreender o que se passa consigo e ou com o “outro”, deste modo, num movimento dialético a pessoa constrói a categoria e a categoria a constrói.

Além disso, os entrevistados HET demonstraram que estas **terminologias das orientações sexuais** também são formas de tecnicidade acadêmica e científica que servem para ilustração e compreensão da sexualidade, mas que isso não poderia estar na sociedade como uma forma de divisão. Evidencia-se isso a partir da seguinte fala:

[...] não teria que existir esta questão de ‘ah ser hetero, ser homo’ assim, talvez não no ambiente social, digamos assim, talvez pra um ambiente, talvez de pesquisa, ou talvez um ambiente mais específico, talvez deveria existir, mas não assim no ambiente social [...]. (HET 03)

É perceptível o peso que o acadêmico e científico possui para a sociedade, há uma apropriação rápida daquilo que se é considerado “cientificamente correto” pelo senso comum. Louro (1999) contextualiza que a terminologia ‘homossexual’ surge a partir de Karl Kertbeny em 1869 quando este lutava para que práticas consideradas como *sodomia* – aquelas realizadas por pessoas do mesmo sexo com uma conotação moral religiosa – fossem revistas, sugerindo uma reforma sexual onde a homossexualidade seria apenas uma forma distinta de sexualidade sem a necessidade de cunho moral, no entanto, os termos heterossexuais e homossexuais historicamente passam a ser apropriados pelo senso comum demarcando uma divisão dicotômica entre pessoas.

Na categoria **Masculino e Feminino**, encontram-se a compreensão dos participantes HET e HOM relacionadas a uma identidade masculina e feminina. Há três subcategorias que demonstram que para HET e HOM esta compreensão é dividida entre fatores do sexo biológico e gênero, é também presente na fala dos participantes HOM uma indefinição referente ao masculino e o feminino.

A subcategoria sexo biológico para os entrevistados HOM e HET diz respeito a uma ideia de **Masculino e Feminino** centrada nos órgãos genitais (sexo): Ilustra-se isso a partir das seguintes falas:

[...] Mas acho que assim, macho e fêmea.[...] E, é antes de tudo é homem e mulher, masculino e feminino. (HOM 02)

Pra mim é nascer um menino, pra ser masculino e nascer uma menina pra ser feminino. Esse é a questão de diferença de gênero pra mim, como eu falei gênero masculino e feminino, de algo do corpo. Os órgãos reprodutores, tudo isso. É seriam basicamente isso, os órgãos reprodutores. (HET 01)

A partir das percepções dos participantes HOM e HET acerca dos gêneros **Masculino e Feminino** é possível compreender muito da representação que a sociedade possui acerca destes gêneros. Pois, ao relacionar os gêneros Masculino e Feminino a um determinado sexo biológico, afirma-se que as características existentes na sociedade, consideradas pertencentes ao gênero feminino ou masculino, depende também do sexo biológico que a pessoa possui. Essa percepção é linear e hegemônica e desconsidera outras possibilidades de ser homem e de ser mulher. Butler (2003) faz críticas a respeito de categorias como o sexo e gênero enquanto formas cristalizadas e afirma a partir de estudos de autores como Simone de Beauvoir e Monique Wittig que, a pessoa não nasce com um sexo (homem ou mulher) ela torna-se o sexo, do mesmo modo a pessoa não nasce com o gênero (masculino e feminino) ela torna-se o gênero. Deste modo, a autora demonstra que até mesmo o sexo biológico, que é instituído como parte da natureza humana é também um construto, pois, quando a pessoa nasce, já existem as determinações do que seja o sexo biológico, sugere-se deste modo que o sexo biológico é tão inventado quanto o gênero, pois quando a pessoa nasce ela é destituída de significações, isso é construído historicamente.

Correspondente à subcategoria gênero, HOM e HET relatam sobre características comportamentais, vestimentas para designar o **Masculino e Feminino**:

Pra mim ser masculino, vamos dizer, agir e se comportar como um homem, acaba sendo um pouco redundante, por que tem muitas mulheres que agem de forma masculina, eu conheço muitas lésbicas, assim que num primeiro olhar parecem um menino, usam bermudas, camisetões, bonés, aquela coisa do corpo, fala como tal age como tal, é, assim como tem homens que também age de forma feminina, age como mulher, não digo nem travesti nem homossexual, mas é aquela coisa

desmunhecada, fala bem afeminada, pra mim essa questão masculina é se portar como homem e meninas se portar como mulher assim. (HOM 01)

Por exemplo, o cabelo curto, roupas que são supostamente feitas para homens usar, tipo mais masculinas neste sentido, assim, mas, é que também depende muito, é não queria entrar nisso 'ah tem que, por exemplo, homem, tem que usar calça e camisa, mulher pode usar também, mas é o estilo é diferente, por exemplo a mulher usa uma calça mais justa, homem usa uma calça mais, mas também não é um padrão, homem pode usar calça justa mais, acho que é mais pelo lado do estilo mesmo. (HET 03)

Tanto na fala dos entrevistados HET quanto dos HOM é perceptível que há associação entre aquilo que é socialmente atribuído ao feminino e masculino, ao fato de uma pessoa ser homem ou mulher. No entanto não há como predizer os comportamentos, gostos, preferências que constituirão a subjetividade da pessoa. O que se percebe é que a definição de gênero de ambos os grupos também é uma forma de categorizar e essencializar aspectos ditos masculinos para homens e femininos para mulheres. Para Butler (2003) não há uma relação linear e hegemônica entre sexo e gênero, pois, o gênero é compreendido como uma construção cultural variável do sexo, um campo de possibilidades existentes do corpo sexuado, portanto a categoria “mulher” não é necessariamente uma construção social do corpo feminino, tão pouco “homem” diz respeito ao corpo masculino. Isso demonstra que, o gênero em si não está restrito a binarismo homem e mulher, macho e fêmea e suas construções culturais podem variar e modificarem-se no tempo.

Isso vai ao encontro da percepção presente entre os HOM onde o **Masculino e Feminino** possuem uma indefinição que demarcam diferenças e estereótipos. Sobre isso se destaca:

Ai, não tem uma coisa que eu ache masculino ou feminino, o que é ser masculino e feminino, é meio difícil por que daí já vai estar, de novo já vai estar estereotipando, coisas femininas e masculinas [...]. (HOM 03)

Na categoria **Homossexualidade e Heterossexualidade**, encontram-se duas subcategorias de análises. Participantes HOM e HET ao relatarem sobre a homossexualidade e heterossexualidade demonstraram que o afeto é presente em ambas as orientações sexuais. Os entrevistados HET evidenciam ainda, a atração física como sendo característica das orientações sexuais.

No que diz respeito ao afeto, enquanto característica que define a **homossexualidade e heterossexualidade**, HET e HOM afirmam que ser homossexual e heterossexual é predispor um sentimento de “gostar”. Sendo que este sentimento para os heterossexuais é voltado para pessoas do sexo oposto e para os homossexuais é voltado para o mesmo sexo. Verifica-se isso a partir das seguintes falas:

Pra mim, acho que é voltado [...] pro sentimento que existe, do homem que gosta de uma mulher, heterossexual. E do homem que gosta de outro homem, ou da mulher que gosta de outra mulher homossexual ou homoafetivo como também é denominado. (HOM 02)

Homossexual é gostar de pessoas do mesmo sexo independente se é homem com homem ou mulher com mulher, e heterossexual é gostar de pessoas do sexo oposto, homem com mulher e mulher com homem. (HET 02)

Isso demonstra que tanto os participantes HET quanto os HOM localizam o afeto, sentimentos em relação à outra pessoa do mesmo sexo ou não, para que se verifique um pertencimento a homossexualidade ou heterossexualidade.

Em relação à atração física, os entrevistados HET evidenciam esta, como sendo um aspecto para a concepção da **Heterossexualidade e Homossexualidade**. Esta afirmação é verificável a partir da fala de HET 01.

Ser heterossexual é sentir atração física pela pessoa do sexo oposto e homossexual é a mesma coisa só que com pessoas do mesmo sexo. (HET 01)

O fato dos sujeitos entrevistados HET terem evidenciado a atração física como elemento constituinte da sexualidade homossexual e heterossexual pode estar ligada a uma concepção de que homens para serem homens devem demonstrar virilidade e interesse por práticas sexuais. Welzer-Lang (2001) demonstra que há um esforço por parte dos homens heterossexuais de se enquadrarem a esta norma, visto que há uma pressão na sociedade para que assim se tornem. No entanto destaca-se a partir de Connel (1995) a importância da crítica destas formas de se constituir a sexualidade masculina, pois na medida em que há discursos de uma masculinidade que prevalece, se ignora que esta também se modifica no tempo – é

reconstruída. O autor sugere uma forma de se visualizar a sexualidade masculina como um *projeto* a partir das ideias de Jean Paul Sartre.

Em relação ao **Preconceito**, esta categoria subdivide-se em duas subcategorias, que demonstram a percepção dos entrevistados HET e HOM sobre preconceitos com relação a si próprio e com relação ao outro. Entre os participantes HOM, são presentes vivências de preconceitos dos mais variados tipos com relação a si próprio(s), devido à orientação sexual. Pode-se ilustrar isso a partir da fala de HOM 01:

Sim, quando eu fui doar sangue, aí no formulário eu acabei falando que era homossexual e foi dito que homossexuais não podem doar sangue. E que não é uma forma de preconceito o que foi me dito, mas os homossexuais não podem doar sangue, então o primeiro choque assim que eu enfrentei, aí que eu me dei conta que haveriam muitas dificuldades, nessa digamos assim opção, nessa, com o fato de ser homossexual, ter que enfrentar muitas coisas, então esse foi o mais marcante assim [...].

Para os entrevistados HET em relação ao preconceito com relação a si próprio, as falas foram direcionadas para uma não vivência de preconceito por conta de suas orientações sexuais:

Não, Eu acho o preconceito uma coisa bem babaca, eu acho que qualquer tipo de preconceito não é legal não é interessante, então como eu nunca sofri, eu nunca tive nenhum problema quanto a isso. (HET 02)

Estas percepções dos participantes HET e HOM acerca do preconceito com relação a si próprio denotam o padrão heterossexista existente na Sociedade, visto que HOM sofrem preconceito por conta de suas orientações sexuais e HET não. A homossexualidade possui uma representação na Sociedade similar ao feminino, onde há uma subordinação dos homens em relação às mulheres, do masculino em relação ao feminino e da heterossexualidade em relação à homossexualidade. Garcia (2001) demonstra que tudo o que for similarmente interpretado pela sociedade como pertencente ao feminino é subordinado a uma dominação heterossexual, esta dominação e subordinação incluem o abuso, a violência legal, a discriminação econômica e pessoal.

Referente ao preconceito com relação ao outro, participantes HOM e HET evidenciam em suas falas vivências relacionadas ao preconceito contra outras pessoas com orientação homossexual. Elucida-se isto a partir das seguintes falas:

A experiência que eu tive de a pessoa sofrer uma agressão, daí eu acompanhei esta pessoa até a delegacia, registrou boletim de ocorrência, só que aí veio aquela coisa assim, o policial dava um sorrisinho de vez em quando, mas dizia não a gente tem que combater isso aí. (HOM 01)

[...] sei lá de, por exemplo, no trabalho, sempre tem pessoas que quando são homossexuais, tem aquela fase de até todos descobrirem, e tem, isso leva muito constrangimento pra pessoa, já presenciei vários casos assim, e, sempre tem piadas, sempre tem constrangimentos, sempre tem. (HET 01)

As práticas de preconceito com relação ao outro evidenciadas tanto por participantes HET quanto por HOM, demonstram o quanto a homossexualidade ainda é vista como uma ameaça à heteronormatividade. As pessoas que são alvos de violências e preconceitos por conta de suas orientações sexuais, sejam elas agressões verbais ou físicas, possuem um nítido sofrimento que marca as suas histórias e as fazem ter a sensação de anormalidade no que se refere às suas sexualidades. O que se percebe é que este sofrimento é oriundo destas violências de desrespeito, e é por este entendimento de um sofrimento dos homossexuais demarcado por uma sociedade heterossexista e preconceituosa que, a reversão da homossexualidade é inaceitável e não deve ser proposta e realizada por profissionais da psicologia. Estes preconceitos são entendidos a partir de Louro (1999, p. 29) como práticas de homofobia, a autora destaca que a homofobia “expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse ‘contagiosa’, cria-se uma grande resistência de demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais[...]”. Pocahy e Nardi (2007) em relação às práticas homofóbicas destacam que isso, além de desvalorar o “outro”, institui aos homossexuais um lugar da ordem do impensável. Os efeitos de práticas como essas na sociedade, segregam, desumanizam e desconsideram a diversidade, gerando sofrimentos.

Com relação à categoria **Ações frente ao preconceito**, esta se subdivide em cinco subcategorias de análises, sendo as ações de aceitação e convivência e conhecimento para participantes HET em relação ao outro, visto que estes não sofreram nenhum preconceito em

relação as suas orientações sexuais, diferentemente dos HOM que as ações evidenciadas frente ao preconceito foram silenciamento, conversar e busca de direitos.

Referente à aceitação e convivência somente os participantes HET possuem esta ação frente ao preconceito. Evidentemente por serem heterossexuais estas ações dizem respeito ao preconceito em relação ao outro (não heterossexual). Para ilustrar isso se traz a seguinte fala:

É, eu procuro, claro que eu confesso que não sou uma pessoa que fica levantando bandeira, não vou a parada gay, não curto isso, mas jamais, ser preconceituoso com uma pessoa dessa, nunca neguei amizade, nunca mudei a minha maneira de agir com uma pessoa dessa, já aconteceu de eu iniciar uma amizade com uma pessoa e depois descobrir que a... achando que era heterossexual e depois descobri ser homossexual, é, não mudou, não chocou, eu sou bem assim flexível com relação a estas convivências com pessoas. (HET 01)

A ação de conhecimento frente ao preconceito é também relatada entre os entrevistados HET. Segue a fala que ilustrará isto:

Tenho o privilegio de ter a vivência, tenho um irmão que é homossexual e eu acredito que eu tenho um pouquinho mais de discernimento, entre o que é ser homossexual e o que é não ser homossexual, então eu acredito que as pessoas tenham que ter mais esta vivencia tem que conhecer mais, por que a falta de conhecimento ela te isola muito, ela te faz ir por um caminho que às vezes não é o certo assim, então tem que haver mais debates, tem que haver mais esclarecimento. (HET 03)

Os argumentos dos participantes HET relacionados às subcategorias aceitação e convivência e conhecimento, dizem respeito a uma aproximação e convivência com pessoas de orientação sexual diferente das suas, que possibilitam o conhecimento da pessoa em si, de maneira que os estereótipos da homossexualidade se esvaem e a aproximação e convivência são permitidas. No entanto, cabe a ressalva de que isso não é uma prática recorrente na Sociedade, a homossexualidade é ainda vista com estranhamento e constrangimento. Para Louro (1999, p. 29), muitas vezes, esta aproximação é evitada por “ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade”. A autora ainda destaca que a maior visibilidade dos gays e lésbicas, a expressão pública de movimentos sociais fomenta por um lado, que práticas de desprezo e rejeição para com o homossexual sejam abandonadas e por outro esta mesma

visibilidade provoca manifestações antigays e revigoração de campanhas conservadoras heterossexuais.

O grupo de HOM em relação às **ações frente ao preconceito** evidencia um silenciamento no que se refere às vivências pessoais de preconceito. Ilustra-se isso a partir da fala a seguir:

Eu fiquei bem atordoado assim, acabei não falando nada, simplesmente ignorando e indo embora, não fiz nada demais [...]. (HET 01)

O que se verifica é que as práticas de homofobia existentes na sociedade provocam sofrimentos e “marcas” na história de vida das pessoas. Frente a tanta opressão o que lhes resta é o silenciamento. Louro (1997) destaca que as pessoas que estão submetidas a práticas de homofobia possuem mais chances de aprender que os seus desejos não são normais e que estes não devem ser expressados, levando estas pessoas a “aprenderem” o silenciamento. Louro (1999) indica ainda que, muitas vezes as práticas homossexuais são aceitas desde que não sejam manifestadas em público e permaneçam no segredo.

Outra ação frente ao preconceito que os HOM evidenciam em suas falas é a ato de coversar. Tentam conversar/dialogar com o outro no sentido de explicar que não tem o porquê de manifestações preconceituosas:

E, estou tentando conversar, tentar explicar, mostrar um outro lado, que, não tem mal nenhum [em ser homossexual], que não tem um por que isso [...]. (HOM 02)

Fica evidente a tentativa de uma conversa frente às situações de preconceito por parte dos HOM. No entanto, o mesmo grupo evidencia que na maioria das vezes o preconceito com suas orientações sexuais é tamanho, que são alvos de agressão verbal e física, diante destas situações os HOM possuem a ação de busca de direitos. É possível verificar isso a partir da fala de HOM 03:

Daí foi feito os termos legais, a gente foi pra delegacia, foi, mas dado sem nenhuma atenção assim, mas mesmo por indignação um pouco, por que, muitas vezes estas cenas de violência às pessoas estão ali, não é, das que eu vi não foram nada, foi simplesmente do nada, as pessoas preconceituosas mesmo, sem respeito assim, que

não conseguem lidar com aquilo e pensam que tem que bater, tem que sei lá fazer alguma coisa e tal, mas foi feito, mas dado sem muita atenção assim [...].

O que se percebe é que ainda existem práticas violentas que segregam as pessoas com orientação homossexual, estas violências para com o “outro” pode estar em nome de os homens que se definem heterossexuais afirmarem-se numa identidade masculina. Louro (1999) afirma que isso é um modo pelo qual os heterossexuais encontram a preservação da masculinidade, pois quando a homossexualidade é aparente ela se torna perigosa e desestabilizadora da heterossexualidade. A autora ainda destaca que os indivíduos precisam de um “outro” subjugado para se afirmar e se definir, pois a afirmação acontece na medida em que se contraria ou se rejeita este “outro”.

Verifica-se a partir deste subcapítulo que as nomenclaturas que identificam as orientações sexuais, estão sendo utilizadas como formas de categorizações das sexualidades. Não se pode ignorar que identificar sexualidades com termos, além de serem utilizadas como formas de pertencimento de grupos, viabilizam lutas de direitos e de reconhecimento enquanto identidade. No entanto, categorizar os comportamentos humanos, é um fenômeno da atualidade, que leva a um controle e vigilância das sexualidades em ambitos sociais como: família, igrejas, escolas dentre outros. E estas condições são partes constituintes da subjetividade humana, portanto, é também parte das possibilidades de constituição singular da pessoa. Classificar, especificamente, os aspectos constituintes da sexualidade, seria predispor características que enquadrariam comportamentos/ações humanas em categorias, e isso não é diferente de se criar novos padrões/normas.

### 3.4 HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS DIANTE DAS POLÍTICAS DE DIREITOS À DIVERSIDADE SEXUAL

Neste subcapítulo abordar-se-á as opiniões de homossexuais (HOM) e heterossexuais (HET) acerca dos movimentos sociais de diversidade sexual e políticas de direitos como o casamento civil e adoção de crianças e adolescentes por pessoas do mesmo sexo. Para tanto, este subcapitulo abarca 02 categorias e 06 subcategorias de análises. Destaca-se que quando as categorias estiverem relacionadas apenas a um grupo isto será evidenciado na análise e discussão.

Referente à categoria **Movimentos LGBTs**, tanto participantes HET quanto HOM indicam que os movimentos sociais como a Parada da Diversidade são vistos como badernas dos participantes, no entanto ambos os grupos denotam que estes movimentos sociais são formas de reivindicações de direitos dos homossexuais. Os participantes HET indicam ainda que os movimentos LGBTs poderiam ter mais moderação e os entrevistados HOM apontam para preconceitos dentro do próprio movimento LGBTs.

No que se refere à percepção dos entrevistados HET e HOM sobre os Movimentos LGBTs muitas vezes serem badernas dos participantes, apontam para uma participação alienada destituída de sentido político do movimento social. Ilustra-se isso a partir falas subsequentes:

[...] mas que alguns acontecimentos assim acaba extrapolando um pouco, já não é mais o que era antigamente, antes era em busca de direitos e tal, e em alguns lugares acabou virando uma festa uma baderna, então perde-se um pouquinho o foco do que era a parada, desses movimentos. (HOM 02)

Ah eu acho que, precisamente em eventos ou em qualquer, eu acho assim que, tem certos homossexuais que eles no intuito de querer mostrar que são diferentes e serem aceitos, eu acho que eles extrapolam um pouco assim, no sentido de ser muito exacerbado, por exemplo, causar vexame, eu acho que isso denigre um pouco a imagem assim [...]. (HET 03)

O que se verifica a partir das opiniões de HET e HOM que os movimentos sociais da diversidade sexual muitas vezes são considerados badernas. No entanto, não se há como negar a importância que estes movimentos possuem para o público homossexual, o engajamento de pessoas dentro do movimento é necessário mesmo que destituída deste sentido político, pois, a presença dos mesmos nos movimentos sociais já pressupõe este sentido.

Sobre os movimentos LGBTs serem formas de reivindicações de direitos, é presente entre os argumentos dos participantes HOM e HET este posicionamento, ilustra-se isso a partir das seguintes falas:

[...] mas é bacana eu gosto destes grupos que lutam, que vão, e acho legal ter militância mesmo ali lutando e tal e é assim eu acho. Eu acho que deveria poder crescer, de poder sair, acho que estes grupos saem e falam o que eles acham e lutam, tipo por leis muitas vezes melhores, muitas coisas, proteção, contra o preconceito, gostam de fazer campanhas e tal, acho interessante, acho legal isso aí. (HOM 03)

Então eu acho que eles são necessário para o público homossexual cada vez mais se inserir assim na sociedade, acho que isso é necessário pra ele, tipo pra sociedade não existe mais aquele impacto do ser diferente. (HET 03)

Percebe-se que os movimentos LGBTs são vistos entre os entrevistados HET e HOM como manifestações importantes para a conquista de direitos aos homossexuais, e para que se aumente a visibilidade destes na sociedade. Neste sentido, os movimentos sociais da diversidade sexual são manifestações políticas que além de garantirem a visibilidade das diferentes sexualidades, são ações que visam conquistas de direitos enquanto políticas públicas ao público homossexual. No entanto, os participantes HET indicam que os movimentos LGBTs poderiam ter mais moderação. Ilustra-se isso a partir da fala de HET 01:

[...] mas ainda assim fica este outro lado que pra mim é muito forte, eu acho que não é tão necessário assim, tanta exposição, às vezes ao meu ver ultrapassa um pouco, eu acho que, não sei, assim como não fico levantando bandeira para o heterossexualismo sabe, apesar claro que não tem tanto motivo de ter aceitação da sociedade. Mas eu acho que poderia ser uma coisa mais comedida assim sabe! Por que às vezes assim sabe, parece que tão exigindo respeito, mas, tem algum ponto que eu não consegui definir ainda muito, parece que ultrapassam um pouco respeito.

Este pensamento dos participantes HET de que os movimentos LGBTs poderiam ter mais moderação no sentido de que estão exigindo respeito, mas desrespeitam o “outro”, é comumente visto como argumento. O que está por trás desta fala que localiza um desrespeito é a visibilidade de que os homossexuais e simpatizantes como manifestação expõe seus corpos para as outras pessoas, tal exposição gera desconforto e é provável que isso só ocorra devido ao processo histórico da sexualidade, onde esta é considerada uma dimensão do âmbito privado. Aqui se relaciona as ideias de Chauí (1984) e Giddens (1993) que indicam que a sexualidade se tece na sociedade por meio do fenômeno da repressão sexual, que por sua vez encontra-se a favor de um controle de produção social que atravessa os tempos, resultando em práticas homofóbicas.

HOM indicam ainda que há a existência de preconceitos e desentendimentos dentro do próprio movimento LGBTs no que se refere à ordem das siglas que representam a diversidade sexual. Ilustra-se isso a partir da seguinte fala:

[...] acaba que fica essa discussão com relação às siglas e não se chega a um consenso, não se é debatido, discutido aquilo que deveria ser, então isso é uma coisa

que me deixa muito chateado e muito entristecido é por que a própria comunidade gay não entra em certos consensos, e há uma discriminação muito grande, dentro do próprio movimento, como tem muitos gays que discriminam as travestis, ou as drag queens, os transgêneros e vice versa [...]. (HOM 01)

O que se evidencia a partir desta opinião de HOM 01 é o quanto as categorizações que enquadram comportamentos e orientações sexuais por meio de terminologias podem e são utilizadas como meio de identificação e auto-afirmação por parte de integrantes dos próprios movimentos LGBTs. Mas, também, o perigoso caminho que estas categorizações percorrem no sentido de que aumentam o preconceito e demarcam uma diferença a partir de estereótipos. Anjos (2000) afirma que são existentes entre os grupos de homossexuais divergências no que se referem à sexualidade, estas divergências geram subgrupos que defendem uma cidadania universal e também aos que ressaltam especificidades “femininas”, isso retoma a lógica da hierarquização de gênero e demonstra quão complexo é o tema da diversidade sexual.

Sobre a categoria **Projetos de Leis**, subdividida em três categorias de análises. É evidente que entre os entrevistados HET há uma percepção religiosa acerca de políticas de direitos aos homossexuais. Verifica-se ainda que tanto HOM quanto HET, possuem a percepção de uma aceitabilidade sobre o casamento e a adoção por pessoas do mesmo sexo.

Em relação à percepção religiosa destacada entre os participantes HET sobre os Projetos de Leis à comunidade homossexual, ressalta-se:

Então, religiosamente eu seria totalmente contra, mas, eu procuro sempre trabalhar com duas linhas, por que eu não vou lidar no meu dia a dia com pessoas só da religião, eu procuro trabalhar com dois pensamentos [...]. (HET 01)

Essa afirmação de que por um viés religioso não se teria como conceber projetos que corroborem com a diversidade sexual, remete a dogmas para justificar a heterossexualidade como normal e a homossexualidade como anormal. Estes pensamentos também são formas de justificar uma possível reversão da homossexualidade para a heterossexualidade. Visto que o Brasil possui uma cultura religiosa cristã, é possível inferir o impacto que estes pensamentos possuem na subjetividade de pessoas com orientação homossexual. Esta discussão embora pareça arcaica ainda é atual, em 2013, no Brasil, pois se verifica inclusive no âmbito parlamentar estas interferências religiosas, o que se torna contraditório visto que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 considera no seu Art. 5º, a laicidade do estado.

Referente ao casamento entre pessoas do mesmo sexo HOM e HET consideram que isso é um direito de todos enquanto cidadãos e que já poderia ter sido aprovado antes. Sobre isso se destacam as seguintes falas:

[...] como a união estável e agora foi convertido pra casamento, isso já deveria ter sido feito há muito tempo. (HOM 01)

Eu acho que isso já deveria ter sido feito, por que são duas pessoas, eu não vejo como duas pessoas do sexo oposto e igual, eu vejo como duas pessoas. Então eu acho que não tenho nada contra isso e também acho que já deveria ter sido feito. (HET 02)

Este mesmo posicionamento se dá tanto para os entrevistados HET quanto pra HOM referente à adoção de crianças e adolescentes por pessoas do mesmo sexo. Ilustra-se respectivamente a partir das falas de HOM 02 e HET 03:

Acho que é um direito que os homossexuais estão conquistando, e acredito que a família gay, vai tratar de uma criança da mesma forma que um hétero, e até muitas adoções por casais gays, quem estão adotando uma criança que foi gerado por casal hétero né [...] então é um direito conquistado, direitos conquistados, e acho válido assim, acho que infelizmente ainda não em todo Brasil, mas acredito logo mais em todo o Brasil seja aprovado. (HOM 02)

Na questão de criar um filho assim, eu acho que não tem nada comprovado piamente que é, comprovado que crianças criadas por casal homossexual ou por um casal heterossexual ela vá se desviar ou vá ser um mau elemento na sociedade, não tem problema nenhum assim, por mim não teria problema. (HET 03)

O que se percebe a partir das falas dos entrevistados HOM e HET, a respeito de Projetos de Leis como o casamento e adoção por pessoas do mesmo sexo, é uma predisposição para a aceitabilidade que a diversidade sexual esta começando a ter, enquanto reconhecimento de direitos. Isso é evidencia de que Políticas Públicas contribuem para a visibilidade positiva da homossexualidade para a sociedade. A partir disso, pressupõe-se que no processo de escolher de homossexuais comparado com os direitos que heterossexuais possuem, desvelam projetos de vida semelhantes aos padrões heteronormativos, o que demonstra o quanto esta escolha pelo casamento e adoção podem estar sendo utilizadas como

estratégias por homossexuais para afirmação de identidade e aceitabilidade na sociedade. (SARAIVA, GROSSI; LAGO, 2012, p.391).

Recentemente, em maio de 2013, no Brasil, o Conselho Nacional de Justiça determinou que cartórios celebrem o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, isso é considerado um avanço aos direitos do público LGBT. No entanto, é observável neste subcapítulo a falta de engajamento político tanto de HET quanto de HOM referentes a estes direitos. Pois, por mais que haja opiniões/posicionamentos favoráveis aos Projetos de Leis para este público, estas opiniões são expressas de modo que evidenciam um distanciamento dos movimentos políticos. Deste modo, é necessário o engajamento político de homossexuais para viabilizarem os seus direitos enquanto cidadãos.

Verifica-se também, uma possível aceitabilidade da Sociedade acerca da homossexualidade. No entanto, destaca-se que ficou evidente uma marca predominante heterossexista e divisora entre homossexuais e heterossexuais, neste sentido, se há uma disponibilidade de aceitação de políticas de direitos dos homossexuais, sugere-se pesquisas que possam indicar: como esta heteronormatividade se mantém visto que há uma permissividade de manifestação da sexualidade homossexual? É evidente que para responder este possível problema de pesquisa, há a necessidade de se compreender a existência de um “outro” diferente de um “mim” para que seja possível uma afirmação de identidade.

Sobre isso Sartre (1987) afirma que saber que o “outro” é parte constitutiva do projeto-de-ser individual, significa afirmar que quando o homem responsabiliza-se por suas ações enquanto escolha, este também responsabiliza-se pelo “outro”. Pois, suas ações revelam também as possibilidades de ações do “outro”. Isto não significa afirmar que o “outro” formou/eliciou a escolha que é subjetiva do ser individual. No entanto, enquanto processo de constituição subjetiva do ser, o “outro” assume um lugar de referência para que se assemelhe e/ou se diferencie a este. É neste sentido que a manifestação de ação de um revela possibilidades de ações do “outro”, pois, muito embora sejam diferentes (como o são), as diferenças pressupõe a existência de um igual, que não se pode ignorar que veio do “outro”, é isso que Sartre denomina como sendo possibilidades. (SARTRE, 1987). A partir disto, afirma-se que as Políticas Públicas, os Projetos de Leis, os Movimentos Políticos da Diversidade, que visam à garantia de direitos aos Homossexuais, são ações que consideram o “outro” (diferente) enquanto cidadãos, portanto, são ações de respeito e cidadania para com todos e todas que, o Estado garanta estas possibilidades.

Diante do que fora exposto é possível afirmar de que a existência da sexualidade heterossexual enquanto possibilidade de ser é importante para garantir outras possibilidades

que se diferenciam desta, como a homossexualidade, que mesmo negada, é vivida enquanto subjetividade possível. Além disso, é plausível compreender e pensar a escolha enquanto modo de manifestar a subjetividade humana, mas é importante que se detenha um olhar crítico acerca deste conceito. Afirmar que uma pessoa se escolhe heterossexual ou homossexual, é trazer consigo todas as experiências do campo dos possíveis da subjetividade humana, e compreender estas possibilidades como sendo vieses para que o homem possa se constituir enquanto tal de maneira singular.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa denota antes de tudo, um ato político de cidadania para com a expressão da diversidade sexual. Como previsto no Código de Ética da Psicologia, na Resolução nº 001/99 é dever do profissional da psicologia contribuir com o seu conhecimento para reflexões sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações de pessoas que possuem prática homoeróticas. Neste sentido, o conhecimento produzido por esta pesquisa, atende ao que está previsto na Resolução 001/99, visto que na medida em que sinaliza a existência de uma sociedade ainda marcada pelo heterossexismo, evidencia-se práticas que sustentam a heteronormatividade e colocam-na como referencia sobre as diversas orientações sexuais existentes, como a homossexualidade.

Pretendeu-se com a pesquisa **identificar a percepção de homossexuais e heterossexuais acerca do processo de “escolher” na constituição de suas sexualidades.** Para tanto, estabeleceram-se cinco objetivos específicos que serão destacados nos seguintes parágrafos com suas respectivas considerações. Destaca-se de antemão que, na medida em que as análises e discussões foram sendo elaboradas, fora possível *relacionar a percepção de homossexuais com a percepção de heterossexuais acerca do processo de escolher na constituição de suas sexualidades.*

No que se refere ao objetivo específico *identificar como homossexuais e heterossexuais percebem escolhendo suas sexualidades.* Verificou-se que os participantes HOM e HET não percebem escolhendo suas orientações sexuais e indicam que, suas orientações, são “naturais” e/ou inatas. No entanto, fica evidente que esta “naturalização” da orientação sexual para HET, aponta para uma normatização da sexualidade, onde a heterossexualidade é constituída enquanto norma e referência para a sociedade. Diferente dos entrevistados HOM, que “naturalizar” a homossexualidade, além de ser uma forma de,

fazerem-se existentes no mundo e estarem lineares as concepções da heterossexualidade, é também uma maneira de evitarem sofrer preconceitos. Salienta-se que os participantes HET e HOM demonstram em suas percepções sobre a Escolha, uma noção do senso comum, que considera a opção de apenas uma possibilidade entre duas. Evidentemente, que esta noção não é possível para a sexualidade, pois, a partir de Sartre (1987) devem-se considerar as possibilidades existentes para a Escolha, o que significa afirma que esta ocorre, a partir dos aspectos biológicos, culturais e psicológicos, singulares do sujeito.

Como destacado por Sartre (1987) o homem se faz na história e nela se aliena, num processo dialético. Neste sentido, fora *possível identificar no processo de constituição histórica de homossexuais e heterossexuais identificações de gênero e sexualidade*. Pois, constataram-se na história de vida de ambos os grupos, elementos constituintes de suas sexualidades, como características familiares, características culturais, aspectos do desenvolvimento infantil, lugares demarcados segundo orientação sexual. Isso demonstra que as percepções acerca da sexualidade são dadas a partir de um determinado contexto cultural e denota que tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade, são produzidas conjuntamente neste contexto, a partir de símbolos e significações de gêneros e sexualidades. Evidenciando-se que as sexualidades não são “naturais”.

Outro objetivo específico delineado fora o de *identificar qual a percepção de homossexuais e heterossexuais acerca dos termos utilizados para definir as suas sexualidades*. Verificou-se nas perspectivas dos entrevistados HOM e HET que, as nomenclaturas utilizadas para designar as orientações sexuais, como homossexual, heterossexual, bissexual, são formas de catalogar/classificar as pessoas. Este modo de conceber as orientações sexuais por meio de classificações é um fenômeno atual (2013), onde quaisquer ações humanas são passíveis de categorizações. Isso pode estar em nome de uma vigília social destas ações, que dialeticamente remete-se a outros padrões/normas sociais, que por sua vez passam a ser naturalizadas, e enquadram comportamentos a partir de estereótipos.

Para Sartre (1987) as escolhas/ações humanas são constituídas também pelo contexto em que o sujeito está inserido. Deste modo, verificar quais as razões que este contexto possui ao classificar constantemente os comportamentos humanos, também é compreender como estes se constituem. A partir disto, ressalta-se a necessidade de novas pesquisas que problematizem estas formas de classificações, e isso não vale apenas para o âmbito das sexualidades e gêneros, pois, uma sociedade que possui este funcionamento, tende a repeti-lo para outros âmbitos constituintes do ser humano.

Sobre *identificar o modo que heterossexuais e homossexuais se relacionam com a diversidade sexual*. HOM e HET demonstram uma aceitabilidade e uma permissividade de políticas públicas que garantam os direitos civis às pessoas com orientações homossexuais como, o direito ao casamento civil e adoção de crianças e adolescentes. No entanto, fica evidente com esta pesquisa a predominância heterossexista no que se refere aos gêneros e sexualidades. Com isso, sugere-se novas pesquisas que identifiquem como a heteronormatividade se sustenta em face desta visibilidade e aceitabilidade de outras orientações sexuais na sociedade. Além disso, são perceptíveis, a falta de engajamento político por parte dos homossexuais na conquista de seus direitos, a noção dos movimentos sociais como a *parada da diversidade* destituída de sentido político e a lógica de classificação das sexualidades humanas dentro dos próprios movimentos políticos LGBTs.

Destaca-se que o método elaborado para esta pesquisa, de cunho qualitativo, fora abrangente do problema de pesquisa que se pretendia investigar. Neste sentido, avalia-se que os dados obtidos por meio de uma entrevista semi-estruturada, fora suficiente para responder ao problema de pesquisa. No entanto, por esta pesquisa tratar de um tema onde as opiniões acerca da sexualidade seriam evidenciadas, mesmo com todo o cuidado ético que a pesquisa obteve e se propôs, notou-se no contato por telefone e email das pessoas, uma resistência em participarem da pesquisa, sendo necessário o contato com cerca de quinze pessoas antes de obter o número de participantes previstos (seis).

Além disso, percebeu-se durante a entrevista, sobretudo com as pessoas de orientação homossexual, a necessidade de estas, falarem para além do que fora perguntado. O pesquisador não realizou um “corte” estratégico no sentido de retornar para o objetivo da pesquisa. Pois, a partir do que se estabeleceu no “campo” da entrevista, compreendeu-se que as falas, eram formas de a pessoa sustentar suas histórias “marcadas” por sofrimentos e expressões de preconceitos por conta da sexualidade.

A partir de Butler (2003) e Louro (1997 e 1999) verificou-se que há uma tendência hegemônica e binária de homem e mulher no discurso social, e também o pressuposto de uma superioridade masculina em relação ao feminino. Visto que esta pesquisa possuiu em seu método, um recorte dos participantes, sendo todos homens, sugere-se o mesmo problema de pesquisa com participantes mulheres. Neste sentido, identificar-se-á na percepção de mulheres homossexuais e heterossexuais suas percepções acerca do processo de escolher (sartriano) na constituição de suas sexualidades, numa sociedade onde o gênero feminino é considerado subordinado ao masculino. Pode-se assim, estabelecer um

comparativo com as análises e discussões desta pesquisa e trazer compreensões sobre Misoginia e estereótipos.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Míriam. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no séculoXX. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n. 14, Jun 2000.

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 4, Dez. 2000.

ARAN, Márcia; CORREA, Marilena V.. Sexualidade e política na cultura contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Jul 2004 .

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CESAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educ. rev.**, Curitiba, n. 35, 2009.

CFP. **RESOLUÇÃO 001/99 de 22 de Março de 1999**. Disponível em: <[http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999\\_1.pdf](http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf)>. acesso em 27 set 2012.

CFSS. **RESOLUÇÃO 489/2006 DE 03 de junho de 2006**. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/resolucao\\_489\\_06.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/resolucao_489_06.pdf)> acesso em: 27 set 2012.

CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. ed 9ª. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CONNEL, Robert. **Políticas da masculinidade**. Educação e realidade, 20(2), jul/dez 1995, 185-206.

CONNELL, R. W; ASHENDEN, D. J; KESSLER, S; DOWSETT, G. W. **Estabelecendo a diferença: escolas, famílias e divisão social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CÓRDOVA, Luiz F. N.; LAGO, Mara C. de Souza; MALUF, Sônia W. Histórias sobre territorialidades GLS na ilha de Santa Catarina. In: GROSSI, Miriam P.; LAGO, Mara C. de Souza; NUERNBERG, Adriano, H. **Estudos in(ter)disciplinados**: gênero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 257 - 280.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DESSUNTI, Elma Mathias et al. Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 3, Jun 2008 .

DIAS, Maria Berenice. **Diversidade sexual e direto homoafetivo**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

DIAS, Maria Berenice. União homossexual – aspectos sociais e jurídicos. Livraria do advogado editora: Rio Grande do Sul, 2000.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 103, agost. 2008.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 39, Abr. 2011.

EPSTEIN, Debbie; JOHNSON, Richard. Jovens produzindo identidades sexuais. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, Abr. 2009 .

FERNANDES, Taísa Ribeiro. **Uniões homossexuais**: efeitos jurídicos. São Paulo: Editora Método, 2004.

FRANCA, Inacia Sátiro Xavier de; BAPTISTA, Rosilene Santos. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 2, Abr. 2007.

FRANCA, Isadora Lins. "Cada macaco no seu galho?": poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 21, n. 60, Fev. 2006.

FURLANI, Jimena. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, Agost. 2008 .

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, Abr. 2011 .

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 4, Dez. 2009 .

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer homes a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades**. 2. ed. São Paulo: ECOS/ Ed. 34, 2001. p. 31-50.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: ATLAS, 1999.

GOMES, Romeu. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciênc. saúde coletiva**, São Paulo, v. 8, n. 3, 2003 .

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 1, Abr. 2006 .

KERN, F. A. & SILVA, A. L. A homossexualidade de frente para o espelho. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, pp. 508-515, out./dez. 2009.

LISBÔA, Maria Regina A. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana M; GROSSI, Mirian P. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. pp. 131-136.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. **Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural**. *Psicol. estud.*, Mar 2012, vol.17, no.1, pp.151-156.

MELLO, Luiz. Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, Set. 2006 .

MENEZES, Aline Beckmann; BRITO, Regina Célia Souza; HENRIQUES, Alda Loureiro. Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 2, Jun 2010 .

MICHAELIS. **Dicionário**. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 31 out. 2012.

MOTA, Murilo Peixoto da. Gênero e sexualidade: fragmentos de identidade masculina nos tempos da Aids. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, Jan. 1998 .

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 11, Agost. 2012 .

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 1, Abr. 2007 .

SARAIVA, Eduardo S.; GROSSI, Mirian P.; LAGO, Mara C. de Souza. Assumindo e escolhendo: projeto de conjugalidade, afirmação de uma identidade. In: GROSSI, Miriam P.; LAGO, Mara C. de Souza; NUERNBERG, Adriano, H. **Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 391 - 423.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução Rita Correia Guedes. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

SARTRE, Jean Paul. **Questão de Método**. Tradução Rita Correia Guedes. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

SCARDUA, Anderson; SOUZA FILHO, Edson Alves de. **O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais**. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2006.

SECRETARIA Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República Brasília. **Plano nacional de promoção da cidadania e direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**: Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH, 2009.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, mar. 2006 .

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1997.

SOUZA, Eloisio Moulin de; SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Uma análise sobre as políticas de diversidade promovidas por bancos. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, Agost. 2012.

SOUZA, Marcos Aguiar de; FERREIRA, Maria Cristina. Identidade de gênero masculina em civis e militares. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997.

SOUZA, Mériti de; LANGARO, Fabíola. Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 3, 2011.

TAQUETTE, Stella R. et al . Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Abr. 2005.

TEIXEIRA, Fernando Silva et al . Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 1, 2012.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da psicologia e dos direitos humanos. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2008.

VIANNA, Cláudia. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2, Agost. 2012.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, ano 9, 2/2001, pp. 460-482 .

WERNER, Dennis. Sobre a evolução e evolução cultural na homossexualidade masculina. In: PEDRO, Joana M; GROSSI, Mirian P. **Masculino, feminino, plural.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. pp. 99-129.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Entrevista semi - estruturada

1. Qual a sua idade?
2. Qual sua escolaridade? Profissão? Local que trabalha?
3. Você já discutiu sobre sexualidade? Em algum momento você já pensou sobre isso?
4. Em algum momento na sua história de vida você pensou/refletiu/questionou sobre o fato de você gostar de pessoas do mesmo sexo?/De pessoas do sexo oposto? Como se deu esta reflexão?
5. Em que momento se tornou mais perceptível para você o interesse por pessoas do mesmo sexo?/ do sexo oposto? Como que a sua família lidou com isso?
6. O que você pensa ou qual sua explicação para a existência de pessoas homossexuais/heterossexuais?
7. Como que você percebe/pensa/avalia o fato de você se interessar por pessoas do mesmo sexo?/ do sexo oposto?
8. Nas questões de sexualidade, você acha que pode ser considerado escolha? Por quê?
9. O que é escolha para você?
10. Em sua opinião há atividades/jogos/profissões destinadas apenas para meninas e outras para meninos? O que você pensa sobre isso?
11. Na sua casa e/ou família. Há uma divisão de tarefas e ou atividades que destinadas para mulheres e outras para homens? O que você pensa sobre isso?
12. Você já vivenciou e/ou presenciou alguma situação uma criança/ pessoa fora impedido de realizar alguma atividade por ser menino ou menina? Conte como foi? O que você pensa sobre isso?
13. Levando em consideração os lugares que você costuma frequentar (trabalho, lazer etc.) Quais fatores/critérios você utiliza ao escolher os lugares que você frequenta? Que lugares são estes? Como você liga isso a sua sexualidade ou ao fato de você ser homossexual/heterossexual?
14. Você define a sua sexualidade com algum termo? Você acha este termo adequado? Por quê?
15. O que é ser masculino e feminino para você?
16. O que é ser homossexual e heterossexual para você?
17. Você já vivenciou e/ou presenciou algum tipo de preconceito/e ou represália por ser homossexual?/Heterossexual? Qual a sua Opinião?
18. Caso a resposta seja sim. O que você fez diante destes acontecimentos?
19. Você conhece ou presenciou alguma situação que alguém sofreu preconceito/e ou represália por ser homossexual? O que você pensa sobre isso?
20. O que você fez diante destes acontecimentos?
21. Qual a sua opinião sobre os movimentos LGBT como a “parada da diversidade”?
22. Qual a sua opinião a respeito de Projetos de Lei, como o casamento civil ou adoção de criança e adolescentes por dois homens?

**APÊNDICE B – Quadros das categorias e subcategorias respectivas aos objetivos específicos<sup>8</sup>**

Quadro 2 – Categorias e subcategorias referentes ao objetivo específico “a”

IDENTIFICAR COMO HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS PERCEBEM ESCOLHENDO SUAS SEXUALIDADES			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	HOM	HET
Reflexão sobre a orientação sexual	Com relação a “si mesmo”	X	X
	Com relação ao “outro”		X
Momento mais perceptível da orientação sexual	Infância	X	X
	Adolescência	X	X
	Não houve momento exato	X	X
Percepção dos familiares quanto a orientação sexual	Com naturalidade/Respeito		X
	Não aceitam	X	
Origem da homossexualidade e heterossexualidade	Ausências de definição	X	X
	Biológico/natural	X	X
	Escolha		X
	Redes Sociais		X
	Influência Religiosa	X	X
Percepção de sua orientação sexual	Natural/normal	X	X
	Necessidade de aceitar-se	X	
Orientação sexual como uma possibilidade de escolha	Com relação sua orientação sexual	X	
	Com relação a orientação sexual do “outro”.		X
Definição de escolha	Dois possibilidades	X	X
	Fazer da maioria	X	X
	Consciência	X	X

Fonte: Elaboração do autor, 2013.

Quadro 3 – Categorias e subcategorias referentes ao objetivo específico “b”

IDENTIFICAR NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS IDENTIFICAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	HOM	HET
Atividades ligadas ao sexo e gênero	8.1 Independente do sexo	X	X
	8.2 Características familiares	X	X
	8.3 Características culturais	X	X
	8.4 Características biológicas	X	X
	8.5 Desenvolvimento Infantil	X	
	8.6 Privações de atividades	X	X
Ambientes e Sexualidades	12.1 GLBTS	X	
	12.2 Heterossexuais	X	X
	12.4 Acolhimento	X	

Fonte: Elaboração do autor, 2013.

<sup>8</sup> O objetivo específico de “relacionar a percepção de homossexuais com a percepção de heterossexuais acerca do processo de escolher na constituição de suas sexualidades”, possui atravessamento por todos os quadros que serão apresentados.

Quadro 4 – Categorias e subcategorias referentes ao objetivo específico “c”

IDENTIFICAR QUAL A PERCEPÇÃO DE HOMOSSEXUAIS E HETEROSSEXUAIS ACERCA DOS TERMOS UTILIZADOS PARA DEFINIR AS SUAS SEXUALIDADES			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	HOM	HET
Terminologias das orientações sexuais	Classificações	X	X
	Adequação	X	X
	Compreensão	X	
	Tecnicidade		X
Masculino e Feminino	Sexo biológico	X	X
	Gênero	X	X
	Indefinição		X
Homossexualidade e Heterossexualidade	Atração Física		X
	Afeto	X	X
Preconceito	Com relação a si próprio	X	X
	Com relação ao “outro”	X	X
Ações frente ao preconceito	Aceitação e Convivência		X
	Conhecimento		X
	Silenciamento	X	
	Conversar	X	
	Busca de direitos	X	

Fonte: Elaboração do autor, 2013.

Quadro 5 – Categorias e subcategorias referentes ao objetivo específico “c”

D) IDENTIFICAR O MODO QUE HETEROSSEXUAIS E HOMOSSEXUAIS SE RELACIONAM COM A DIVERSIDADE SEXUAL			
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	HOM	HET
Movimentos LGBTs	18.1 Reivindicações de direitos	X	X
	18.2 Moderação		X
	18.3 Badernas	X	X
	18.4 Preconceitos	X	
Projetos de Leis	19.1 Religião		X
	19.2 Casamento	X	X
	19.3 Adoção	X	X

Fonte: Elaboração do autor, 2013.

**ANEXOS**

## ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

[Cep.contato@unisul.br](mailto:Cep.contato@unisul.br) (48) 3279.1036

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem como título “o processo de escolher na constituição das sexualidades de homossexuais e heterossexuais”. O objetivo da pesquisa identificar a percepção de homossexuais e heterossexuais acerca do processo de “escolher” na constituição de suas sexualidades.

Realizar esta pesquisa é relevante, pois, é comum atrelar o conceito de “escolha” à sexualidade humana sem que haja uma posição crítica da utilização do mesmo. Quando sexualidade é conectada a um conceito como “escolha” sem que haja uma reflexão, abrem-se possibilidades diretas de violências e desqualificação do “outro”. Refletir a respeito de temáticas como esta, contribuirá para que novas possibilidades de se pensar a sexualidade humana sejam possibilitadas, e para que o conceito de escolha possa ser mais bem empregado, fornecerá ainda alguns subsídios para elaboração de políticas públicas que levem em consideração este aspecto. Debates como estes são importantes para que preconceitos que desqualificam a sexualidade individual possam se extinguir, contribuindo para amenizar manifestações preconceituosas subjacentes.

A entrevista será conduzida de modo que se possam verificar aspectos que envolvam o conceito de escolha enquanto processo de decisão da sexualidade. Para tanto a entrevista será gravada, a duração poderá durar até cerca de uma hora, e será realizado em um ambiente que você possa sentir-se a vontade para responder as perguntas. A entrevista será gravada, durará cerca de vinte minutos e será feita num lugar onde você possa sentir-se à vontade para responder as perguntas. Após o pesquisador realizará a transcrição da gravação, evitando-se mudar o que você disser na entrevista.

Você não é obrigado a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa antes, durante, após ter aceitado em participar, bem como após a entrevista ter

sido realizada, sem que sejas prejudicado por esta decisão. Caso você venha a sentir algum desconforto durante ou após a entrevista, é importante que você possa dizer ao pesquisador para que ele possa lhe auxiliar.

Caso queira pedir informações sobre a pesquisa, o pesquisador coloca-se a disposição para lhe fornecer estas informações quando você quiser. Esse pedido pode ser feito pessoalmente, antes ou durante a entrevista, ou depois dela, por telefone, a partir dos contatos do pesquisador que constam no final deste documento. Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo. Sua identidade não será revelada em momento algum. Seus dados poderão ser utilizados para publicações em eventos e artigos científicos, caso sejam necessário, se utilizará de códigos ou nomes fictícios, contribuindo para que sua identidade seja preservada.

É importante lembrar que a sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, conforme assino a baixo, concordo em participar desse estudo como sujeito. Estou ciente das informações, pois, fui informado e esclarecido pelo pesquisador Ematuir Teles de Sousa sobre o tema e o objetivo da pesquisa, bem como a sua relevância e como será conduzida. Fui garantido de que posso retirar meu consentimento quando quiser, em qualquer momento da pesquisa sem que isso possa me prejudicar.

Nome por extenso: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Local e Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Ana Maria Pereira Lopes \_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável  
Telefone para contato: (48) 32791084

Ematuir Teles de Sousa \_\_\_\_\_  
Outros Pesquisadores  
Telefone para contato: (48) 99553803 - Email: [ematuirt@yahoo.com.br](mailto:ematuirt@yahoo.com.br)

## ANEXO B – Termo de Consentimento para gravações



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES**

Eu \_\_\_\_\_ permito que os pesquisadores relacionados abaixo obtenham:

( ) gravação de voz, de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Ana Maria Pereira Lopes \_\_\_\_\_  
 Pesquisador Responsável  
 Telefone para contato: (48) 99553803

Ematuir Teles de Sousa \_\_\_\_\_  
 Outros Pesquisadores  
 Telefone para contato: (48) 99553803 - Email: ematuir@yahoo.com.br

Data e Local onde será realizada a pesquisa: \_\_\_\_\_